

CONDIÇÃO

Escrito por Quíron

Introdução

Segundo dados do jornal O Público, em janeiro deste ano de 2017 a Duma (Parlamento Russo) aprovou, com 380 votos a favor e 3 contra, a descriminalização da violência doméstica. Aquela que é agora conhecida popularmente como a “lei da bofetada” visa a despenalização dos casos de violência quando destes não resultem “lesões corporais graves” contra a vítima e desde que não ocorram mais do que uma vez por ano passando estes casos a serem considerados ofensas administrativas e não ofensas criminais quando não acarretem riscos para a saúde da vítima. De acordo com o jornal Moscow Times, citado pelo Diário de Notícias, em 2013 cerca de 36 mil mulheres foram agredidas por dia pelos seus respetivos companheiros e em 2008 entre 12 mil e 14 mil mulheres foram assassinadas pelos maridos ou companheiros.

Caro leitor, o parágrafo que acaba de ler não é ficção mas sim a realidade de um país, que à semelhança de muitos outros, apresenta dados estatísticos preocupantes para os defensores do feminismo, bem como um duro revés para a Declaração Universal dos Direitos Humanos que considera fundamentais a dignidade e o valor da pessoa humana e a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Este cenário que deixa antever um crescimento exponencial de violência contra as mulheres não é localizado e exclusivo da Rússia. Segundo dados de 2015 da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), apenas em Portugal, registaram-se 9.612 vítimas de crime que recorreram aos serviços daquela Associação, destas, 7901 (82,2%) eram do género feminino. Em 2014 a mesma Associação registou 7314 casos de mulheres vítimas de maus tratos e em 2013, 7233 casos. Quando se comparam estes dados denota-se claramente um crescimento de ano para ano dos casos de violência contra as mulheres que continuam a ser a maior fatia da sociedade a sofrer às mãos dos homens e estes, por sua vez, continuam a ser também a maior fatia dos dados estatísticos no que respeita ao autor da violência.

Nos Estados Unidos da América, dados do National Coalition Against Domestic Violence (NCADV) demonstram que a cada 9 segundos, e apenas naquele país, uma mulher é vítima de violência; 1 em cada 3 mulheres já foram abusadas psicologicamente pelo seu parceiro e 1 em cada 5 sofreram violência física às mãos do seu parceiro.

No que respeita à violência contra as mulheres, os dados das Nações Unidas respeitantes a 2015 são inequívocos, e estão em todo o lado. A percentagem de mulheres que experienciaram violência às mãos do seu parceiro pelo menos uma vez na vida são as seguintes: de 17 a 68% na Oceânia; de 6 a 67% na Ásia; de 13 a 46% na Europa; de 6 a 64% em África; de 14 a 38% na América do Sul; e de 7 a 32% na América do Norte; refira-se ainda que no Médio Oriente não existem dados disponíveis para análise, mas de acordo com os dados do resto do mundo o leitor poderá fazer uma ideia. Ainda de acordo com os mesmos dados, a nível global, 1 em cada 3 mulheres já foi vítima de violência física ou abuso sexual em algum momento das suas vidas.

Quando se observam estes dados é impossível ficar-se indiferente às atrocidades de que, na sua maioria, as mulheres são vítimas e foi na senda da reflexão dos mesmos que surgiu a necessidade de descrever a história que se segue.

Baseada em factos verídicos, a história de Cátia (nome fictício), é relatada na primeira pessoa. A personagem encontra-se internada num hospital depois de ter sido alvo de uma tentativa de homicídio por parte do seu namorado e conta com a sua vontade em alertar a sociedade para a violência contra as mulheres. Neste cenário, a personagem revela toda a sua história de vida e a forma como, no seu caso particular, se vê enredada em teias de agressão no seio de uma relação amorosa. Este contributo visa despertar consciências; as femininas, para que reconheçam como se perpetuam as vítimas e os agressores de violência doméstica e a forma como a sua própria educação e emancipação pode evitar outros casos verídicos de violência; as masculinas, para que se instrua e munam de sensibilidade no sentido de compreender que a pessoa humana, quer seja do género masculino ou feminino, tem sonhos e ambições e muitas vezes é guiada por grandes sentimentos de amor.

CONDIÇÃO

Eu não cresci com o desejo expresso de ser mais uma vítima de violência doméstica e quero deixar bem claro que também não vivi em busca do cativo de um homem que me fizesse sua propriedade. Quando faço uma retrospectiva à minha vida, gosto de pensar que fui uma guerreira que lutou contra as condições precárias em que viveu e que sem qualquer intenção deixou-se embarcar numa viagem sem destino, sem objetivo e sem propósito.

Em muitas ocasiões o que mais doía não eram as agressões físicas mas sim a forma como era tratada. Ainda assim, não sou capaz de optar por uma bofetada ou um insulto. Uma dessas opções dói física e emocionalmente, a outra tem o efeito de vírus que cresce e se muta no interior de cada uma de nós com a particularidade de sermos contagiadas pela falta de amor-próprio. Vamos nos dissolvendo partícula a partícula até não restar mais do que uma única célula irracional que busca unicamente a sua sobrevivência.

Quando se está no centro desta tempestuosa forma de vida, olhamo-nos ao espelho poucas vezes; Primeiramente para evitar dar importância às nódoas negras que emergem com frequência; secundamente para não enfrentarmos a realidade de um sorriso curvado em sentido inverso, na testa franzida e num olhar distante e melancólico. Além destes factos, olhar ao espelho e assistir à mutação de um conjunto de sonhos e ambições desfeitos é como acordar de um sono profundo e levantar a dura questão: Como é que eu cheguei até aqui? Acreditamos nos contos de fadas e que aquela pessoa vai mudar porque o amor que sentimos é mais forte que tudo e suficiente para derrubar as barreiras da violência, confiamos seriamente que esse cenário é possível, mas infelizmente, não é.

A vítima, como eu, tem aquela mania de acreditar que até as tempestades mais intensas têm um fim. O cuidado e a paciência para camuflar o estado de espírito e medir todas as palavras que usa. Um dom assombroso de esconder do mundo a realidade vivida e a sensibilidade de imaginar que aquele outro que nos bate, nos insulta, nos envergonha e nos minimiza também pode sofrer uma dor emocional inimaginável. Temos o dom de colocar esse outro acima dos nossos próprios interesses por um amor que não existe, porque amor, quando é verdadeiro, não faz sofrer desta maneira. O amor-próprio desaparece e é substituído por uma subordinação a todas as espécies de vida que são sempre prioritárias quando comparadas com a nossa.

Ser vítima de violência doméstica não é uma escolha. É um processo involuntário que no meu caso foi redutor dos meus sentidos. Um processo redutor das minhas escolhas e da minha liberdade. É preciso que se entenda que a violência doméstica pode afetar várias pessoas e todas elas com reações distintas sendo que na maioria dos casos, a vítima tende a estar confusa, amedrontada e extremamente vulnerável. Vítima do perpetrador e vítima do seu próprio cativo de negação em que vive agarrada com fé na esperança de um dia tudo vir a melhorar.

Confesso que nunca imaginei ser possível vir a fazer parte das estatísticas inexoráveis da violência doméstica. Nunca imaginei ser possível apaixonar-me tão louca e cegamente ao ponto de me permitir viver e reviver ataques ferozes contra a minha integridade física e psicológica.

Vivi em pânico constante durante vários anos. Um terror frequente que me impediu de evoluir e planear o amanhã de forma calculista. O medo de uma morte lenta e dolorosa

esteve sempre presente na minha mente. Tinha medo de ser esmurrada até à morte, pontapeada até que o meu corpo não suportasse mais e se quebrasse em mil pedaços, pavor que lhe passasse pela cabeça apanhar uma faca e esquartejar-me. Viver nesta condição representa ter medo de tudo ao ponto de dormir quase que com um olho aberto e outro fechado com receio de qualquer barulho que se possa aproximar de mim.

Dizem que não há nada como a experiência. De facto, com os anos aprendi a arte da dissimulação. Como camuflar um olho negro e como vestir o corpo para que ninguém perceba as feridas ocultadas pelos tecidos. Ao telefone aprendi a entoar felicidade depois de ser espancada só para que não me fizessem perguntas constrangedoras. Aprendi a contrariar as vontades do inconsciente, a ter um sorriso na cara e a ser educada e cortês quando me apetece gritar por ajuda e chorar como um bebé que se sente abandonado e maltratado. Ausentar-se da companhia da família é dos primeiros passos desta arte inquestionável, eles preocupam-se connosco, dão-nos conselhos que não pretendemos seguir e procuram ajuda quando o que queremos é resolver o problema sozinhas.

Estou ciente que existem homens vítimas de violência doméstica mas também estou segura de que existem mais casos de mulheres que sucumbem ao bel-prazer do homem. Além de uma maior exposição à violência, a mulher é a maior vítima de discriminação de género proveniente, no ocidente, da antiguidade clássica. Na Odisseia de Homero, o criador da Grécia, Ulisses faz a viagem de regresso a casa com a duração de 10 anos entre os quais, 3 anos repletos de aventuras inusitadas e 7 anos passados com Calipso, a deusa apaixonada que não o deixaria partir para a sua terra natal de volta para os braços da amada Penélope. O autor, a quem se lhe reconhece a obra e conseqüentemente a criação do ideal de homem e mulher helénicos define que Ulisses foi vítima de um feitiço e que só pela graça dos deuses conseguiu regressar para Penélope. Antes disso, os deuses permitiram que Ulisses encontrasse refugio nos braços de Circe e depois os tais 7 anos nos braços de Calipso enquanto que durante os 20 anos em que se ausentou de Ítaca, Penélope não só não encontrou substituto para Ulisses como ainda atrasava a necessidade de se voltar a casar tecendo uma enorme tela pelo dia e à noite desfazendo o seu trabalho. É desta forma absolutamente sexista que se separam os ideais de homem e mulher na antiguidade. Como poderíamos evoluir a partir daqui? O berço da civilização ocidental mostrou-se pouco ávido em conceder direitos iguais a ambos os géneros e parece ser com naturalidade que os mesmos se fazem perdurar no tempo.

Com o início do patriarcado, deu-se também início do controlo da sexualidade feminina, dizia Edgar Morin. O que não soube referir é que não foi apenas o controlo da sexualidade feminina mas todo o controlo do feminismo. Toda uma conjectura para submeter a mulher a um papel de escravidão moral. A violência e subjugação das mulheres é um pretexto já antigo, tão antigo e putrefacto que a mulher romana, além de ser liminarmente excluída da *res publica* (coisa pública), tinha as suas relações circunscritas à *domus* (casa). Uma maleita civilizacional que se alastrou com o crescimento do império romano e ainda hoje reina no ocidente.

Misoginia pérfida que reina no mundo em nome da religião, dos costumes e tradições, em nome de um conceito familiar tradicional que promova o homem como figura de destaque na proteção da família.

No mundo dos homens, desde o oriente até ao ocidente, reina a tendência de aprisionamento da sexualidade, vontade e emancipação do género feminino. Eu Cátia, neste livro em que postulo a minha verdade, reitero que fui vítima não apenas de violência mas também vítima de uma condição. A condição feminina da qual se sobrevive com manifesta

dificuldade desde o dia em que se nasce até ao momento final. Para mim, o trajeto de vida fez-me chegar a este hospital onde relato a minha história semelhante a tantas outras.

No dia 21 de fevereiro de 1986 às 15:30, pouco tempo depois nasceu a minha irmã gêmea cujo nome nunca cheguei a saber. Olhando para trás e na impossibilidade de uma memória fresca que me ajude a alicerçar os acontecimentos passados, creio que toda a minha vida teve um mau início. A minha irmã gêmea faleceu apenas horas depois de ter nascido. Aquela outra parte de mim que se autonomizou na gestação sucumbiu à nascença e se quiserem saber, apesar de não ter tido noção na altura, a partir do momento em que tomei conhecimento deste passado importante, senti que uma parte do meu ser desapareceu à nascença, senti e sinto ainda que sou e estou sempre incompleta.

Na sequência desse fatídico momento e negro dia na vida dos meus pais, surgiu a obrigação de passar algum tempo na incubadora por uma questão de precaução. O meu sistema imunitário não era forte o suficiente para suportar a vida fora do útero. Estranha é a vida que não pode sobreviver fora do útero da sua mãe. Estranha é a vida que nasce frágil e assim permanece como um autêntico contrassenso darwiniano, mas essa é a minha história e foram tantas as vezes em que recorri a esta máxima para poder explicar a mim mesma como é que consegui suportar tanta fragilidade, ou como é que tanta fragilidade suportou a minha história. No fundo, essa fragilidade acabou por se manifestar ser uma fortaleza que resistiu aos mais diversos contratempos e adversidades. Gosto de pensar que sim, gosto de pensar que fui uma guerreira qual Atena que nasceu da cabeça do pai com um estrondoso grito de guerra pronta para toda e qualquer batalha. Pena que nunca tive uma lança e um escudo nas mãos para poder combater os meus fantasmas e fui definhando com as vicissitudes.

A minha mãe Maria e o meu pai José, ambos de famílias pobres, tiveram educações muito diferentes. A minha mãe estudou numa escola pública e apenas até ao 4º ano. As dificuldades familiares eram imensas e ela acabou por sair da escola para ajudar os próprios pais. O meu pai, por sua vez, estudou até ao 6º ano num colégio para rapazes, Os Salesianos situado na Rochinha. Pode não parecer muito hoje mas há trinta ou quarenta anos o 6º ano já conferia uma educação acima da média do país que era devastado socialmente pela austeridade do Estado Novo de António Oliveira Salazar. Muitos não tiveram a felicidade de estudar e alguns conseguiram esquivar-se à pobreza à custa de muito esforço. Até à data não sei qual era a profissão do meu pai, apenas sei que era um homem com alguma instrução e conhecimentos.

Ambos deram-me duas irmãs gêmeas passados 3 anos, cujos nomes são Dalila e Ana. Desde que nasceram senti o peso da responsabilidade de uma irmã mais velha e ajudava com gosto nas tarefas de limpeza de casa e cuidados com ambas desde muito cedo. Por um lado, tanto quanto me recordo de pensar naquela época, elas representavam uma outra parte de mim, uma versão de sucesso da minha própria pessoa que se completava com o gêmeo que lhe seguiria pela vida fora. Ainda hoje penso da mesma forma. É espantoso como alguns dos nossos pensamentos infantis nos acompanham pela vida e por vezes nos definem.

Aos 4 meses de vida, a minha mãe arranjou trabalho e nesta impossibilidade de cuidar de mim, a minha protetora e cuidadora passou a ser uma irmã dez anos mais velha que eu, Sofia. Não sei exatamente como era estar ao cuidado dela mas posso fielmente afirmar que sempre a respeitei tremendamente. Alguns anos mais tarde, recordo que bastava um olhar

da Sofia para que eu me silenciasse ou arrumasse a casa. Se fui vítima de maus tratos por parte da minha irmã só os deuses e ela própria saberão. Acredito ainda que se isso aconteceu, jamais saberei em vida.

Recordo que toda a minha infância se pautou pelos extremos cuidados com a higiene. A minha mãe vivia numa preocupação extrema para me proteger de micróbios que me pudessem fazer adoecer. Apesar de todos os esforços, as visitas às urgências manifestaram-se acontecimentos frequentes. Desde que sou capaz de recordar eventos de vida, a minha saúde sempre foi muito frágil. Entrava nas urgências com gripes, com viroses, com feridas que não saravam facilmente porque tinha anemia. Como eu detestava tomar óleo de fígado de bacalhau, aquele remédio multiusos e quase que milagroso que me perseguiu durante toda a infância.

A dada altura fui contagiada por uma forte gripe e ao fim de uma semana tinha uma pneumonia, o médico que bem me conhecia e sabia perfeitamente que eu tinha vários problemas de saúde recomendou aos meus pais que eu fosse internada por precaução. Lembro-me do meu pai chorar no hospital e essa reação do homem forte da casa teve um tremendo impacto em mim. Sentia que o homem forte de casa não tinha controle sobre a situação. Esse momento ficou tão vincado na minha memória que a doença já não importava. Já não era a doença que me fazia doente mas sim a reação impotente do meu pai, o homem que tantas vezes parecia ter uma solução para tudo. Implorei ao meu pai que eu fosse para casa e que assim iria melhorar, ele não me disse uma única palavra, olhava-me e sorria tristemente. Aquela imagem ficou gravada na minha mente, é uma fotografia mental que transporto eternamente.

Pela graça do médico não fui internada e melhorei substancialmente à custa de vegetais e frutas como era apanágio de antigamente. A década de noventa era a época do desenrasque e a medicina não era tão milagrosa como nos tempos de hoje. Se quisessem salvar os filhos de doenças, os pais tinham de protegê-los ao máximo, tinham de injetar-lhes doses vitamínicas por via dos legumes e das frutas, muito ao contrário dos tempos que correm onde para qualquer problema de saúde uma vitamina em formato de comprimido ajuda a amenizar a questão.

Na prática, muitas das crianças da minha época viviam mergulhadas em micróbios, algumas adoeciam mais facilmente que outras. Eu era uma dessas crianças que adoecia com relativa facilidade. No fundo nós brincávamos com metais ferrugentos, vivíamos imersos em terra, caçávamos insetos e inventávamos jogos pouco saudáveis com os nossos pertences pouco higiénicos. Os tempos eram outros, não existia internet, *tablets* ou *smart phones*. A informação não era veiculada tão rapidamente como hoje é, a televisão em casa tinha um canal apenas e brincar na rua era tudo o que tínhamos.

Posso manifestamente afirmar que fui uma criança feliz, deslumbrava-me com a dança. Passava horas a tentar dançar, perdida no mundo esplendoroso da música ritmada e movimentada pelos passos, pelos desafios que toda a sincronização de corpos ditava. Quando via alguém a dançar o meu mundo parava e existia uma atração estranha entre mim e aquela atividade mágica. Eu era muito pequena e a motricidade era um desafio, creio que ainda hoje o é porque procuro dar sempre o melhor de mim.

Daquela longínqua e pequena pessoa que fui, recordo-me de birras veementes, das quais surgiam, agora envergonhadamente recordo, alguns momentos em que urinava no chão por forma a poder chamar a atenção dos meus pais. A memória não é muito clara mas estes episódios são de fácil recordação porque fazia-o propositadamente e hoje envergonho-me de o assumir.

A minha avó materna dá pelo nome de Maria João. Pacíficos eram os tempos em que passava horas com ela. Uma mulher sempre disponível em demonstrar amor, carinho e compaixão para comigo e minhas irmãs, preparava-nos lanches que eram autênticos banquetes para as rainhas que eramos. Que belos e memoráveis tempos foram estes. Depois do lanche, contava-nos uma história. Eram sempre histórias enfadonhas com uma moral no fim, delas pouco ou nada mesmo me recordo mas a moral era quase sempre a mesma. Não ser má pessoa, não falar com estranhos, ajudar a família entre outras morais amplamente conhecidas. Por vezes adormecia enquanto ela contava aquelas longas histórias. No final passava-me a mão na cabeça, dava-me um beijo na testa e murmurava palavras carinhosas.

Não posso deambular reminiscentemente sobre a minha avó paterna a qual há muito que se tornou numa nuvem presente na minha memória. Posso apenas afirmar que o seu nome era Lurdes e apesar de sentir carinho ao recordar-me do seu nome, não sou capaz de encontrar uma memória do seu rosto ou das suas atitudes para comigo. Faleceu quando eu tinha ainda três anos e desse acontecimento lembro-me apenas das noites em que o meu pai passou sem dormir e a forma como começou a beber todos os dias.

Dos meus tios, muito pouco posso descrever, resumo-me apenas a exclamar que tenho 8 tios maternos. Cinco mulheres e três homens. No que concerne a irmãos do meu pai, apenas consigo me recordar de um, o meu tio Alberto que me tratava por princesinha. Ainda hoje, consigo ouvir a sua voz a chamar-me com grande carinho. Abraçava-me com força, dava-me beijos na testa e às vezes dava-me dinheiro para comprar chocolates.

Aos 5 anos, recorro, ainda com tremenda consternação e revolta, como se de um tremendo interregno se tratasse, o meu pai abandonou-nos. Era dia 5 de outubro, e como para o resto do país, este dia também para mim se tornou absolutamente memorável à exceção do ano em causa, assinalado em 1991 e as razões por assinalar essa data, razões memoráveis mas tristes.

Assumo como um interregno uma vez que a minha vida poder-se-ia dividir em três partes distintas, a primeira grande divisão da minha vida foi esta, o abandono do meu pai. O nosso baluarte, o único homem que sempre amei, e se me perguntarem agora, creio que continuo a amá-lo independentemente de nos ter abandonado.

Ele foi viver para outra cidade e nunca se despediu de nós. Nem de mim, nem das minhas irmãs que também sofreram muito com a sua ausência. Quem mais sofreu com esta separação foi a minha mãe que passava noites acordada. Em determinadas noites, conseguia ouvi-la a chorar no seu quarto, ouvindo música da nossa própria diva Amália. Se ao menos eu pudesse voltar atrás no tempo, ter-lhe-ia dito que não precisava de se preocupar, que ainda restava vida naquela casa e que as suas filhas seriam o seu bastião de força. Gostava de poder voltar a essa época para poder dizer-lhe tudo isso mas na verdade fui egoísta, fragilizei-me assim como as minhas irmãs mais novas. Do lado inverso, a Sofia cresceu muito, era já uma mulherzinha e poucos meses depois começou a trabalhar para ajudar a minha mãe.

A vida tornou-se mais difícil para todas nós. Uma mãe e 4 filhas menores. Uma casa com todas as despesas a encargo de apenas um dos progenitores, com as preocupações da escola e todas as demais envolvências das nossas vidas sobre os ombros daquela grande mulher. Nós sentimos que a casa ficou mais triste mas nunca nos rendemos perante as adversidades.

Alguns anos mais tarde, soubemos que o meu pai tinha uma outra família com um filho seis anos mais velho que eu. Abandonou-nos para se juntar definitivamente a essa família. Não sei exatamente se alguma vez fomos capazes de recuperar daquele trauma. Eramos crianças, a minha mãe fragilizada e o ambiente de casa sempre muito pesado. Foi o fim da felicidade infantil e o início de uma nova vida.

Em 1992, tinha eu seis anos, comecei a frequentar a escola nas Encruzilhadas. Consigo afirmar que fui, nesses tempos áureos que são os da segunda infância, muito distraída e adorava conversar com os adultos porque as conversas infantis não me suscitavam interesse nenhum. Pelo lado contrário, gostava de me inteirar dos assuntos que dizem respeito à adultez. Maravilhava-me com esse mundo de responsabilidade além de ser mais fácil entrar em conversas de adultos do que nas conversas com crianças da minha idade. Não se aprendia muito e os adultos davam-me sempre maior espaço para conversar.

Como a escola ficava mesmo ao lado da minha casa, nos intervalos, gostava de ir até à varanda do pátio para poder ver a minha irmã sair de casa para ir trabalhar, ela tinha 18 anos e era uma rapariguinha que se cuidava muito bem, maquilhava-se e vestia-se como uma senhora. Eu adorava vê-la tão bonita quando ia trabalhar. Preparava-se e maquilhava-se como apenas uma mulher tinha de o fazer. Cresci a pensar que aquele era um comportamento imperativo da mulher na sociedade. Vestir-se bem e estar sempre bonita.

Durante todo o 1º ciclo, fui uma aluna aplicada, à exceção do facto de ser facilmente distraída, ainda assim obtinha boas notas, era a menina mais inteligente da minha família. Quando saía da escola, corria para casa e ajudava a minha mãe a limpar o pó, engomar as nossas roupas, arrumar os quartos e a fazer o jantar. A minha irmã mais velha também o fazia, naturalmente, mas na maior parte dos dias estava a trabalhar ao final do dia e eu era já uma segunda dona de casa. A minha mãe ensinava-me a cozinhar e raramente se aborrecia comigo quando cometia pequenos erros. Dizia-me sempre “Filha, aprende a cozinhar para quando casares o poderes fazer para o teu marido.”.

Aos fins-de-semana gostava de calçar os sapatos de salto alto da minha irmã mais velha e poder provar desse mundo sem fronteiras dos adultos, fazendo longos desfiles por casa e pousando para os espelhos. Imitava o que via na televisão, a forma como as modelos desfilavam e pousavam para as fotografias. A minha mãe ensinou-me a bordar e a partir desse momento comecei a cortar algumas roupas minhas e fazer vestidos para as bonecas. Era um passatempo incansável e sentia-me talentosa para aquela atividade.

Nos dias em que se assinalava o dia do pai, a tristeza irrompia sempre como um relâmpago, um grande fardo para carregar uma vez que o meu pai não estava presente fisicamente mas mantinha-se na minha memória. Levava mensagens dos professores para casa para se assinalar esse dia na escola com a presença do pai. A minha mãe lia, dava-me um sorriso constrangedor e dizia-me que ela própria ia à escola. Eu observava com atenção todas as expressões de tristeza dissimulada na sua cara e mais tarde aprendi a usufruir das mesmas capacidades. As atividades escolares que requeriam a presença do pai eram sempre realizadas pela minha mãe ou pela minha irmã mais velha, talvez esse facto me tenha feito sentir muito diferente das demais crianças. Não me refiro a ser diferente num sentido inferior nem superior mas sim simplesmente diferente. Eles tinham um pai presente. O meu apenas estava na minha memória.

Com tempo e com costume, hábito e conformação, lidando com essa falta paternal, aprendi que a minha mãe fazia ambos os papeis; mãe e pai simultaneamente. Uma posição por si só extremamente desfavorável e certamente desconfortável para ela. Para todas nós, foi sendo habitual.

Nessa infância, gostava de ir até à casa dos meus primos brincar na companhia deles. Por vezes a minha mãe batia-me por lá estar, recordo-me de um pau de vime com que ela me batia nas pernas. Outras vezes, quando fazia algo que não agradava muito, batia-me com a fivela de um cinto. Era uma forma de infligir maior dano tentando promover uma espécie incompreensível de educação que nos tempos que correm seria inadmissível. Mas tudo isto era na década de noventa e a vida tomava contornos que muitos não compreenderão hoje. Os pais eram a autoridade máxima e apesar de não ser moralmente correto, isso concedia-lhes um livre transito para quase todo o tipo de atitudes.

Quando comecei a frequentar a catequese, já sabia rezar e como tal, fui automaticamente transitada para a 2ª classe. Foram tempos de brilhantismo, tempos de me sentir bem comigo própria. Sentia-me adulta pelo simples facto de saber rezar. Por vezes o catequista solicitava a minha ajuda para ensinar os colegas e eu ficava orgulhosa porque me sentia equiparada a um adulto.

Fiz a primeira comunhão com oito anos e na escola, transitei sempre sem dificuldade até ao 4º ano, tinha facilidade de aprendizagem e a vida de casa não influenciou o sucesso escolar. Com 10 anos fui para o 5º ano na escola Dr. Horácio Bento Gouveia. Foi uma nova etapa na minha vida, amigos e professores novos, uma escola maior com mais recantos, várias salas para estudar e biblioteca. Um novo mundo por descobrir e redescobrir vezes sem conta. Fiquei maravilhada com a nova escola, muito maior que a anterior. Alguns colegas tinham receio da escola e dos colegas mais velhos mas eu não. Os intervalos apresentavam uma multidão de crianças da minha idade, crianças mais velhas, adolescentes, mais contínuos e muitos professores. Nunca tive problemas com ninguém.

Os primeiros dias nessa escola não foram difíceis, todavia como ficava mais longe da minha casa o processo de lá chegar representou um certo mal-estar para o meu cotidiano. Tinha de me deslocar de autocarro e tudo era diferente ao que já me havia habituado. Deixei de ter a proteção diária da minha mãe e da minha irmã e tive de aprender a me deslocar sozinha, o que inicialmente foi um bocado assustador mas com o tempo fui-me habituando.

O 5º ano foi ótimo, transitei com boas notas para a etapa seguinte. Todos os meus colegas conseguiram o mesmo feito e ninguém ficou para trás. Cheguei ao 6º ano sem dificuldades aparentes e foi aqui que tive o meu primeiro namorado. Chamava-se Carlos e para os amigos era mais conhecido como Carlinhos. Era um rapaz carinhoso que passava horas a olhar para os meus olhos e dizia que eram os mais bonitos do mundo. Foi um namoro curto, no ano seguinte o Carlinhos foi para outra escola e não nos vimos durante muitos anos mas as mãos dadas e aqueles primeiros beijos na boca jamais se esquecem.

No 7º ano, tinha aulas de música e o professor pediu a formação de um grupo de dança. Como não podia deixar de ser, fiz parte desse mesmo grupo de bom grado. A finalidade era bastante simples na verdade, além dos ensaios, atuávamos em festas no final de cada período letivo, mas para mim era muito mais do que isso. Era algo que eu adorava e ambicionava fazer desde criança. Foi também no 7º ano que vi pela primeira vez o sangue da menstruação e asseguro-vos que foi uma experiência aterradora. Em casa a minha mãe nunca me falou sobre esse tema e a minha irmã mais velha também nunca me tinha esclarecido sobre a primeira menstruação. Estava em plena sala de aulas e tudo o que tinha na bolsa eram os meus cadernos e livros. Vestia calças brancas e blusa amarela, sentada na minha cadeira. A professora pediu que fosse até ao quadro corrigir os trabalhos de matemática e o que me recordo foi de ouvir as gargalhadas dos rapazes da minha turma. A princípio, não entendi o que se passava, julguei estar a cometer algum erro e quando percebi que estava a sangrar fiquei atarantada, corei, sem saber o que fazer as lágrimas encheram-me os olhos. A professora mandou-os fazer silêncio e explicou-nos em grupo o que se estava a passar e que a partir do momento em que sangrávamos, nós meninas, eramos já mulheres. Assim, do nada, aquela vergonha passou a orgulho. O orgulho de passar a ser uma mulherzinha, o orgulho de ser agora uma senhora adulta, ou pelo menos próximo de o ser.

O grupo manteve-se até ao 9º ano, porém, quanto mais tempo e empenho aplicava à dança, mais as minhas notas escolares baixavam. Aqueles bons resultados foram se tornando em resultados medianos e com alguma dificuldade transitei para o 8º ano e depois para o 9º. As atividades extracurriculares foram se amontoando com o meu crescimento e

como martírio extra às notas, entrei na seleção de voleibol da escola e os resultados continuavam a baixar tanto que estive em risco de chumbar esse ano.

Nessa fase, cheguei inclusivamente a ir ao corta-mato e começaram a surgir as negativas. No primeiro período chumbei a matemática, físico-química, português, história, inglês e geografia. No segundo período recuperei a geografia mas continuava com cinco negativas que se se mantivessem no terceiro período já não transitaria para o 10º ano. Assim que as negativas começaram a chegar, contei com a ajuda das minhas irmãs e da minha mãe que me ajudavam a estudar. Com aquela preciosa ajuda e algum empenho final, consegui transitar o ano. Um alívio para toda a família.

10º ano, nova escola, novo desafio, novo processo de ensino e aprendizagem. Tudo novo na escola Dr. Ângelo Augusto da Silva, área de Ciências no agrupamento 1. Gostava muito de ciências mas tinha uma aversão demoníaca a matemática por isso optei pelo agrupamento 1. Dos velhos amigos e da velha escola, poucos chegaram a ir para a mesma que eu e destes, apenas três fizeram as mesmas opções e ficaram na minha turma. Muitos escolheram outros agrupamentos que se enquadravam às suas pretensões futuras, outros escolheram agrupamentos que se enquadravam às suas aptidões pessoais. São as vicissitudes da adolescência, pequenos rasgos de autonomia que se antecipam à fase adulta.

Desde que me recordo acerca do meu percurso escolar tive grandes dificuldades em matemática e a físico-química mas todo um conjunto de situações levou-me a chumbar a imensas disciplinas. Comecei a aprender francês mas para mim, aquela língua latina em nada se assimilava ao português e foi um tormento conseguir aprender no mínimo os números. As aulas de história eram por si só aborrecidas e os meus canais de informação desligavam-se nas aulas o que me impedia de ter bons resultados, o mesmo ocorria com geografia.

Acabei por reprovar o 10º ano com cinco negativas mas voltei a me matricular no ano seguinte. Esperava que as coisas fossem diferentes mas esperar não é suficiente, o verdadeiro poder de mudança reside nos nossos pensamentos e na forma como os colocamos em prática. Faltava muito às aulas e por culpa própria fui forçada a abandonar a mesma. Decidi ir trabalhar para poder ajudar a minha mãe que estava desempregada. Senti-me algo melindrada por não poder acabar os estudos, porém uma vez mais as vicissitudes surgem como consequências do nosso comportamento e escolhas têm de ser feitas. A minha foi essa, abandonar a escola e iniciar uma carreira profissional. A minha mãe começou a entrar em depressão profunda e senti que era meu dever ajudá-la assim como ela havia também feito tudo por mim ao ser mãe e pai em simultâneo. A minha irmã mais velha já tinha casado e emigrado para França com o seu marido. Eu com catorze anos fiz-me a mulher de casa com uma mãe desempregada e à beira de um colapso emocional e duas irmãs gémeas mais novas com as necessidades de atenção que as crianças necessitam, tive de me tornar na fortaleza da casa.

Na catequese, as coisas corriam de feição. Passei todos os anos e fiz o crisma sem dificuldades. Fiz parte do grupo da Paróquia da Graça e cantava no divino Espírito-Santo. Nas épocas natalícias era hábito representar um anjo talvez por via dos meus longos cabelos loiros e dos meus olhos verdes.

Aos quinze anos inscrevi-me num curso de modelos com a curta duração de oito meses na escola Funchal Models. Escusado será dizer que já tinha uma aptidão natural para este desafio. O curso era pago mas uma vez que a minha mãe não tinha forma de paga-lo, as poucas poupanças que tinha e a ajuda financeira da minha madrinha de crisma tornaram o sonho em realidade. Fiquei-lhe eternamente grata por me ajudar a alcançar este objetivo de longa data.

Entre aulas de passerelle, de etiqueta, de expressão corporal, maquilhagem e cabelos e imagem, terminei o curso com uma média final de 19 valores. Senti que havia de facto encontrado a minha vocação. Todas as aulas eram ao sábado e este paradigma representou uma tremenda forma de preencher os meus fins-de-semana.

Trabalhava num café perto de casa e não gostava muito do que fazia. Café é na verdade um eufemismo porque poucas pessoas consumiam café. Maioritariamente o espaço era frequentado por homens de média idade que bebiam vinho durante horas a fio e progressivamente tornavam-se em pervertidos que me assediavam nas horas dos jogos de futebol. Atribuíam-me epítetos alegremente como se eu gostasse de os ouvir mas nunca gostei de ser alvo de assédio em lado nenhum. Infelizmente não havia nada que pudesse fazer, eu era uma jovem mulher que trabalhava porque necessitava e o patrão achava que não podia responder aos clientes.

Na Grécia clássica, mais concretamente em Atenas, as mulheres não tinham quaisquer direitos e apenas os homens eram considerados cidadãos. Estes cidadãos, que no fundo eram apenas homens, realizavam banquetes ritualizados que definiam a sociedade num todo e se dividia em duas partes distintas; o *deipnon* e o *symposion*. O primeiro era caracterizado pelas refeições pouco sofisticadas e pela simplicidade de conversas com pouco ou nenhum consumo de vinho. Já o *symposion*, implicava muita música, dança e um grande consumo de vinho de forma gradual para que os presentes não ficassem bêbados muito rapidamente e todo o grupo pudesse atingir um clímax de bebedeira em simultâneo onde algumas vezes acabavam mesmo em cenas de pancadaria.

Sempre fiz um paralelismo dessa realidade clássica com a atualidade. Nos tempos que correm ver um jogo de futebol e regá-lo com álcool promove um estado que poderá despoletar um certo estatuto social para os homens, principalmente quando é aceitável, e por vezes expectável, que estes assediem mulheres que estejam por perto. Aceitável e expectável por parte dos homens mas descontextualizado e escandaloso para as mulheres, e não são sinais dos tempos a julgar pelo estilo de vida dos gregos da antiguidade.

Com esse trabalho detestável durante a minha semana, contava ansiosamente os dias para chegar ao fim-de-semana e poder prosseguir com o meu curso. Era das coisas que mais me deixava feliz. Um pequeno tempo e espaço de paraíso que encontrei depois após o abandono da escola.

Aos 17 anos comecei a dar aulas de catequese, porém apenas durante dois curtos anos. A minha vida foi ficando cada vez mais complexa, e conseguir conciliar as obrigações que foram surgindo com a catequese tornou-se numa missão impossível de manter.

Em Maio de 2001 fiz a primeira tentativa na corrida ao título de Miss Madeira. Foi uma experiência magnífica. Terminei o concurso como 3ª Dama de Honor o que foi uma grande alegria para mim, afinal de contas era a primeira vez que concorria a um título importante e acabar daquela forma foi um momento de grande alegria para mim e para a minha mãe.

O mundo da moda acarreta minudências em relação ao corpo da mulher que poucas outras profissões ou carreiras têm. Vivemos em constante pressão pelos cuidados que devemos manter com a nossa imagem. Tinha 1,72 metros e pesava 52 quilos mas se quisesse manter-me viva no mundo da moda, tinha de estar em constante alerta com o meu corpo, com a minha imagem e com os sorrisos constantes mesmo que não tivesse vontade de sorrir.

No ano seguinte, aventurei-me em mais um concurso do género, desta feita Miss Funchal. Na fase de castings, os júris perceberam que tinha engordado 3 quilos e fui chamada à atenção. Tinha 55 quilos, sentia-me bem fisicamente mas diziam-me que estava gorda e que precisava de os perder rapidamente sob pena de não chegar à final e ser eliminada muito cedo. Transmitiam-me aquela ideia de tal forma que chegou a um ponto em que apenas comia saladas e fazia caminhadas pela madrugada como uma tresloucada numa missão suicida. Tinha menos de duas semanas para estar em forma e com aquela alimentação pouco saudável comecei a sentir-me a definhar nos primeiros dias, era o mesmo que passar fome tendo o que comer.

Nos dias em que comia mais do que devia, corria para a casa de banho para vomitar tudo o que tinha ingerido. Sentia-me mal mas era um imperativo da minha profissão e senti que devia fazer sacrifícios para seguir a minha carreira. Todas as noites tirava a roupa e exibia-me em frente ao espelho e todos os dias sentia-me demasiado gorda. A minha mãe dizia-me que estava a ficar maluca, que estava demasiado magra mas eu não me sentia magra, sentia-me um monstro. Um monstro alto, gordo, feio e triste. Hoje percebo que exacerbei aqueles pensamentos e sei que nunca me devia ter submetido àquele papel de exploração do corpo feminino.

Todas as manhãs passava 30 minutos ao espelho antes de sair de casa. Tinha de disfarçar aquelas olheiras de qualquer forma. Pouco dormia, pouco comia e impetuosamente o meu corpo ressentia-se. Sobrecarregava o meu rosto com imensas camadas de maquilhagem para tentar corrigir aquelas imperfeições que eram fruto de passar fome no sentido de obter aquele tamanho e peso perfeito. Estava obcecada em atingir a perfeição ou algo que se aproximasse dela.

Com muita dificuldade consegui passar a fase de castings e cheguei à final onde alcancei a classificação final de 2ª Dama de Honor. Foi uma tremenda surpresa para mim e então compreendi que se mantivesse aquele ritmo de exercício aliado à ingestão vegetais e pouco mais, poderia ter um futuro risonho.

Após esta experiência, e na senda do meu percurso de modelo, fiz vários trabalhos de promotora, chegando a fazer promoção em bares e discotecas, no Rally Vinho Madeira, Expomadeira, Coral, Bingo, Johnny Walker, Control Media, Select, e por aí fora. Ganhei muita experiência no que concerne ao contacto com as pessoas e gostava de estar em contacto com outros valores e ideias. Alimentava-me dessas vivências. Confesso que desenvolvi um maior à vontade com as pessoas, na medida em que todas estas experiências foram enriquecedoras do ponto de vista pessoal e mesmo profissional.

Nesse mesmo ano concorri ao título de Super Miss Madeira 2002. Ansiava alcançar mais uma boa posição mas os deuses quiseram que aquele dia fosse muito mais especial. No final fui condecorada vencedora daquela edição e a minha vida mudou drasticamente. Comecei a ser convidada para várias apresentações desportivas como o Rally Vinho Madeira, jantares de gala, desfiles de moda e até festas nos melhores bares e com a alta sociedade regional. Repentinamente senti-me no topo de uma hierarquia social inimaginável na minha infância. Em 2003 sagrei-me vencedora do concurso Miss Funchal e os convites para fazer desfiles de moda com vários estilistas aumentaram.

Nesse período, cheguei a pertencer a um grupo de dança que se reunia duas vezes por semana e juntos fazíamos algumas atuações públicas que rendiam algum dinheiro extra. Eu adorava dançar e esta era outra das atividades que me interessavam imenso, porém o meu tempo das passerelles ainda não havia chegado ao fim e continuava a fazer desfiles com muito mais confiança e gosto. Quando nos sentimos valorizados e confiantes numa determinada tarefa, o tempo parece descontrolado e os minutos passam como segundos.

Em 2004 alcancei o mais desejado título regional, fui condecorada Miss Madeira. A minha vida havia mudado definitivamente. Vivi um conto de fadas na primeira pessoa, sem narradores ou introduções que eram desnecessárias em todo o lado. Toda gente sabia o meu nome e toda gente queria passar tempo comigo. Quando saía com amigas, era alvo de piropos de todo o tipo de homem. Jovens, maduros, velhos, todos queriam se sentar e conversar comigo e eu não posso negar que gostava de me sentir desejada. Recebia convites para férias fora do país com pessoas que acabava de conhecer e confesso que alguns desses convites cheguei mesmo a aceitar.

Aos 19 anos, fui mais ousada. Pesava 50 quilos e já não era aquela menina que se sentia desconfortável no mundo da moda nem era propriamente reservada nas relações com outras pessoas. Os piropos já não me incomodavam mas enalteciam o meu ego e assim sendo entrei num concurso nacional do qual sagrei-me vencedora, Miss Turismo Portugal. Este foi um dos episódios que mais marcou a minha vida. Nada me havia emocionado mais do que aquele momento. Recebi a coroa com muito orgulho e emoção. Depois de tantos desfiles e alguns anos de experiência, alcancei o primeiro título nacional na primeira vez que concorri. Mais um sonho alcançado que me abriu outras portas. Fui convidada para fazer novelas, primeiro como figurante e depois em algumas cheguei mesmo a ter um papel importante. A minha vida tinha dado uma volta enorme e as minhas relações sociais eram muito diferentes.

No final da produção de uma dessas novelas, a qual prefiro não mencionar o nome, fui convidada para um jantar de gala e nos momentos finais desse jantar um grupo de atores

convidou-me para uma festa privada na casa do produtor. Naturalmente aceitei o convite. Uma festa que ainda hoje arrependo-me de ir. Reviver estes momentos faz-me querer regressar no tempo e impedir aquele eu ingénuo e inocente do passado de aceitar o convite.

A festa foi espantosa, nunca tinha estado numa casa tão grande como aquela. Um autêntico palácio com muitos quartos, várias salas de estar e uma grande piscina no exterior. Gente da alta sociedade sorria em todas as direções e senti todos os olhos fixados em mim. Inicialmente senti-me incomodada, não sabia o que pensar, para onde olhar e o que fazer. Seria possível que aquelas pessoas não me considerassem parte do seu próprio mundo? Seria possível que se sentissem incomodados pela minha presença? Interroguei-me diversas vezes até que um rapaz de pele morena, cabelos e olhos castanhos se aproximou de mim e muito cordialmente se apresentou. O seu nome era Filipe. Estava claro que não era um homem comum pela forma encantadora como falava. Falou-me pouco sobre si, estava interessado em saber mais sobre mim, sobre a minha família, sobre os desfiles e o que eu gostava de fazer além da moda. De forma nenhuma me senti incomodada, a maioria das pessoas são tão supérfluas que apenas querem saber de si. Um complexo de narciso cada vez mais presente na sociedade mas que não lhe assistia à primeira vista. Aquele homem que conheci na altura era um galã, um homem mais preocupado com os outros, imune às tendências narcísicas da sociedade.

Gostei da forma como valorizou as minhas vivências e aquele sotaque não madeirense encantou-me. Aqueles olhos castanhos penetravam na minha alma e diziam-me em qualquer momento que eu poderia confiar neles. Apresentou-me a diversas figuras da televisão portuguesa que estavam na mesma festa. Deu-me a conhecer a políticos e pessoas influentes dos mais diversos quadrantes da sociedade e pouco a pouco fui esquecendo que tinha sido acompanhada por amigos. Senti-me a flutuar, senti que estava a viver um verdadeiro conto de fadas na primeira pessoa.

Um copo de champagne atrás de outro, um conhecimento novo atrás de outro. Toda gente o tratava bem, toda gente dava-me um sorriso, riam-se das minhas piadas e acolhiam-me naquele mundo como se eu tivesse nascido no mesmo berço de ouro que muitos deles. No final da noite o Filipe pediu-me o número de telefone e disse-me que gostaria de me levar a jantar. Não hesitei em dar-lhe o meu contacto.

Aguardei ansiosamente para que me dissesse alguma coisa. Esperei dois dias, nem um telefonema nem uma mensagem, nada. Achei que se tinha esquecido de mim. Pensei imediatamente que muito provavelmente um homem daqueles deveria ter uma lista infinita de números de telefone de várias mulheres e nunca se iria lembrar de mim. Quando por fim me ligou fiquei entusiasmada, vesti o meu vestido favorito, escolhi sapatos a condizer, não optei por muita maquilhagem porque sabia que nem todos os homens gostam de exageros e em boa verdade não queria cometer esse erro no primeiro encontro mas ainda assim não me contive nos esforços de me aperaltar. Queria seguir os parâmetros do que a sociedade exige das mulheres, estar bonita e à altura das expectativas do Filipe.

Tínhamos uma conexão fantástica. Sentia-me atraída por aquele homem como nunca antes me havia sentido por alguém. Aquele pessoa por quem me apaixonei representava tudo o que eu tinha sonhado durante toda a minha infância. Ele era bonito e inteligente, perspicaz e sonhador sem contar com os contactos que tinha e as pessoas com quem lidava. Trabalhava no ramo da televisão como director de conteúdos de um canal privado. Um cargo invejável para um jovem com 27 anos. Sempre se mostrou estar sob controlo em várias situações e não vacilava perante adversidades.

Parecia que ele conhecia um pouco de tudo, um homem fascinante na sua forma encantadora de demonstrar o seu conhecimento. Explicou-me como se deveria provar o vinho. Como conjuga-lo com as refeições e a forma como ambos devem estar em perfeita harmonia para uma boa refeição. Pareceu-me um assunto interessantíssimo. Com ele nunca faltava tema de conversa, creio mesmo que nessa altura poderíamos passar um dia e uma noite inteira a falar.

No final do jantar ele levou-me a casa. Ficamos a falar mais um pouco no carro. Por fim agradeçi-lhe pelo jantar e pela companhia maravilhosa e cumprimentei-lhe com dois beijos na cara mas com uma réstia de esperança que o olhar dele me desse algum sinal de que se sentia tão atraído por mim como eu por ele. Quando ia sair do carro agarrou-me e beijou-me nos lábios. Foi um beijo longo e intenso, senti-me nas nuvens. Quando terminou ele abriu-me a porta do carro e antes que nos despedíssemos nessa noite pediu-me para namorar com ele. Fiquei incrédula. Outro homem no lugar dele teria feito outro pedido nessa mesma noite mas ele não. Aquele homem era diferente. Lembro-me de pensar na época que não deveriam existir muitos homens como aquele e que provavelmente nunca iria encontrar um outro que me respeitasse tanto quanto o Filipe. Queria-o e quis o destino que ele também me quisesse.

Nesse ano voltei a me matricular na escola, desta feita à noite, no Liceu Jaime Moniz. Pretendia terminar o 10º ano e posteriormente concluir o 12º. Para conseguir escapar ao mau desempenho da matemática, escapuli para o curso de desenho mas infelizmente também não era propriamente detentora de um grande talento para desenhar e as notas na escola tornaram-se num novo calcanhar de Aquiles. Um regresso ao passado que eu não necessitava. Voltavam a surgir os fantasmas do passado com todas as suas inseguranças em relação ao futuro.

Em dezembro, poucos dias antes do natal, a minha mãe teve uma descompensação emocional e foi internada na ala psiquiátrica. As minhas irmãs mais novas com 16 anos desistiram da escola nessa altura, ambas no 11º ano. Foi um natal terrível. Precisava de apoio emocional e contava com o meu namorado para me ajudar a ultrapassar aquele momento de fragilidade emocional. No dia 23 de dezembro, convidou-me para passar a noite da consoada com a sua família. Expliquei-lhe o que se passava na minha casa e disse-lhe que não podia deixar as minhas irmãs sozinhas naquela época e com a minha mãe internada. Infelizmente ele não foi muito compreensivo em relação aos factos ocorridos e não me falou até dia 28. Poderiam perguntar se aquela falta de compreensão soava estranha ou não mas a verdade é que para uma mulher apaixonada nem todos os acontecimentos soam estranhos, a neblina do cupido torna-se densa que não associamos acontecimentos com um percurso que se seguirá. Com uma tremenda naturalidade, ele pediu-me desculpas dizendo que apenas queria a minha companhia de tal forma que se havia sentido egoísta. Compreendi a partir desse dia que aquele homem amava-me além da própria vida.

A 23 de janeiro de 2006 descobri que estava grávida. Contrariamente à maioria das pessoas em tenras idades, fiquei feliz com esse facto pois era algo que ansiava há algum tempo. Irremediavelmente, voltei a desistir da escola com a esperança de um dia vir a concluir os estudos pois a verdadeira emancipação da mulher está na forma como cultiva a sua mente e não apenas o seu corpo.

No dia 24, preparei uma surpresa para o Filipe, iria dar-lhe a novidade a meio de um jantar que havia preparado. Convidei-o a vir até a minha casa pela segunda vez e disse-lhe que tinha uma surpresa. Às 23 horas ele ainda não tinha chegado. Liguei-lhe várias vezes mas ele nunca atendeu. Acabei por adormecer por volta da meia-noite. No dia seguinte, ligou-me às 11 horas dizendo que tinha trabalhado até tarde e que entretanto tinha sido obrigado a ir a um jantar tardio mas que me vinha buscar a casa no mesmo dia para irmos almoçar e foi ao almoço que lhe disse que iria ser pai. Ele adorou a notícia e propôs-me ir viver para a sua casa. Disse-me que agora poderíamos ser uma família, que a nossa vida iria mudar e de facto mudou. Mudou muito a partir desse momento. Começava a história que não se pode transmitir apenas pelas palavras mas pela luta constante pela sobrevivência.

Dia 14 de fevereiro de 2006, o dia dos namorados que tanto ansiava. Não tinha bem noção do que lhe iria oferecer uma vez que não tinha muito dinheiro. Estávamos em meados do mês e já tinha feito compras para casa, pelo que me sobrava muito pouco para comprar uma prenda. Comprei uma camisa que tinha custado 25 euros. Na altura pensei que tinha gasto muito dinheiro mas estava convencida que ele iria gostar. Ligou-me pouco depois das 14h dizendo que iríamos jantar fora porque era um dia especial.

Apanhou-me às 20h em casa e levou-me até a um restaurante no centro da cidade. Quando nos sentamos à mesa, ele tinha um sorriso enorme na cara como se fosse um dia extremamente importante. Segurou-me na mão direita e disse que me amava como nunca antes amara alguém. Deu-me uma caixinha com um presente. Um dos primeiros *smart phones* do mercado. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele começou por dizer que tinha sido o telemóvel mais caro da loja e que tinha custado mais de 500 euros. Senti-me envergonhada porque tinha gasto cerca de 25 euros com o seu presente mas enchi-me de coragem e entreguei-lhe.

Quando abriu o presente, o sorriso desvaneceu-se, imediatamente disse-me que tinha uma camisa igual e perguntou-me quanto é que tinha gasto naquela prenda. Senti-me a corar tão depressa como aquele sorriso tinha desaparecido. Disse-lhe o valor quase que a sussurrar para que ninguém pudesse ouvir a nossa conversa. Ele riu-se, jogou a camisa para a mesa, bebeu um copo de vinho e voltou a olhar-me nos olhos. Disse-me que se eu não gostasse dele que deveria dizer-lhe naquele momento porque tinha gasto 500 euros e eu não me tinha esforçado por lhe comprar uma prenda digna do amor que deveria sentir. Fiquei destrozada, desiludida, com raiva da minha própria existência e desatei a chorar.

Sou incapaz de esquecer aquele momento, foi um princípio. Um princípio para o que se seguiu. Ele levantou-se e foi à casa de banho e eu fiquei ali sentada, cada vez mais enterrada na cadeira com vergonha até mesmo de me levantar. Quando voltou, disse-me que tinha perdido o apetite e que queria ir para casa, pedi para que se sentasse, para falarmos e não deitarmos a perder aquele dia. Ele insistiu que queria ir embora e não tive outra solução, levantei-me e dirigi-me para a rua enquanto ele pagava o vinho que tínhamos bebido. Entramos no carro sem dizer uma palavra a viagem toda. Chegamos a minha casa, perguntei-lhe se não ficávamos juntos naquela noite, ele disse-me que preferia ficar sozinho. Insisti, segurei-lhe na mão e disse-lhe que queria ficar com ele porque o amava. De nada me valeram os apelos, ele foi embora. Um dia dos namorados memorável pelas piores razões. Teria de ficar em casa num dia tão especial e com um bebé a caminho. Liguei à minha melhor amiga que me animou e convidou-me para sair com ela. Como ainda era cedo, aceitei o convite e apanhei o autocarro para nos encontrarmos no centro da cidade.

Dirigimo-nos até um pequeno bar e encontramos-nos com alguns amigos dela. Um desses seus amigos pagou-me uma bebida. Eu sabia que não devia beber mas também não queria ser apenas um corpo presente com um aspeto taciturno. Queria tentar abstrair-me do que se havia passado momentos antes. A minha mãe voltava para casa no dia seguinte e no fim-de-semana eu mudava-me para a casa do Filipe, ou pelo menos, ainda esperava que isso viesse a acontecer porque depois daquela sua reação, fiquei na dúvida sobre as suas intenções em relação ao nosso futuro.

Comecei a soltar as amarras da tristeza e finalmente aquele sobressalto já não estava tão presente. Olhava em volta e via as pessoas a sorrir, uma situação contagiante. O ambiente que nos rodeia tem o poder de nos levar e catapultar para o mesmo estado anímico.

Estava já a viver um momento de boa disposição e as conversas triviais fluíam. Cerca de duas horas depois de lá estar, senti uma mão agarrar-me no braço com rispidez. Virei-me assustada e vi o Filipe a olhar-me ferozmente. Estava extremamente nervoso. Puxou-me até um canto e disse-me que eu não deveria estar ali, que tinha um bebé a caminho e que aquele ambiente só iria prejudicar a sua gestação e correta formação. Lembro-me perfeitamente dos insultos. “És uma inconsciente desnaturada!”, “Ou és burra ou fazes-te de burra.”.

Senti-me imediatamente culpada, naquele momento, o que me disse fez todo o sentido. Estava grávida de 3 meses. Em breve iríamos fazer a primeira ecografia e ambos queríamos que tudo corresse bem com o nosso bebé.

Apressou-se a empurrar-me para fora do bar e levou-me até casa. Pelo caminho, disse-me que eu não tinha noção do perigo a que estava a expor o bebé, que não tinha tido respeito por ele por estar num bar com outros homens. Não tive espaço para responder, não podia argumentar porque a forma firme como ele dizia aquelas coisas amedrontava-me. Estacionou perto da minha casa e disse que deveria ter mais respeito por ele e pelo nosso filho. Senti-me cada vez mais arrasada a cada palavra que lhe saía da boca. Ameaçou que nunca mais o veria e que iria ser mãe solteira.

Prestes a fazer 20 anos, grávida de quase 3 meses, sabendo que em breve deveria deixar de trabalhar e vivendo numa casa com problemas financeiros, faziam-me sentir como lixo, incapaz, desesperada. Fui para casa a chorar depois daquela primeira grande discussão nas nossas vidas. Em breve estaríamos a viver em conjunto e deveríamos preparar a chegada do nosso bebé.

Não dormi nada naquela noite. As palavras “falta de respeito”, “inconsciente”, “desnaturada” e “burra” fizeram-me companhia no escuro da madrugada. Contei todos os minutos daquela noite e a cada minuto refleti sobre cada uma daquelas acusações. Talvez ele tivesse razão. Pensei sobre isso e senti-me culpada. Ele era o homem da minha vida e aquela era a vida que eu queria. Dar à luz um bebé, eventualmente casar e ser uma boa esposa sempre foi o que quis e tudo isto estava prestes a acontecer.

A minha mãe voltou para casa, eu mudei-me para a casa do Filipe no fim-de-semana seguinte e as nossas vidas mudaram para sempre. Estava prestes a cometer um dos maiores erros da minha vida mas naquela altura era tudo o que queria.

Na primeira noite em conjunto, vimos um filme abraçados. Não posso negar, adorei aquela sensação de estar a criar algo novo. Ele abraçou-me e envolveu-me nos seus braços de tal forma que me senti protegida do mundo. Disse-me “Tu és minha. Hoje e sempre!”. Adorei aquela frase e confundi-a com amor. Hoje vejo a verdade. Vejo que sim. Fui dele. Fui a sua propriedade. Era assim que ele me via. Um território. Uma coisa. Um corpo com dono onde apenas faltou uma coleira física, porque invisível eu já a tinha.

Em quase todos os casos de violência doméstica, o agressor isola a vítima. O primeiro passo para o desenrolar da violência doméstica é sempre retirar a vítima da sua zona de conforto e uma vez na zona de conforto do agressor, com as suas relações sociais limitadas, a vítima encontra-se num limbo onde não só desconhece a quem recorrer como também se encontra circunscrita às ideias e valores do perpetrador. Torna-se num pequeno peixe num pequeno aquário com poucos horizontes que a mantenham segura.

É claro que nunca me passou pela cabeça que pudesse acontecer comigo. Havia muitos aspetos com que me preocupar e jamais me ocorreu que pudesse vir a ser vítima de violência física e psicológica por parte daquele homem que tanto amava. Na verdade foi o medo de o perder que me fez ficar, e fui ficando.

Creio mesmo que a cegueira é proporcionada pelo medo de perder alguém, aliada a uma forte dependência do outro. Não me interpretem mal, não cresci com a vontade de ser dependente de terceiros. Pelo contrário, procurei a minha própria dependência mas pouco a pouco fui dependendo cada vez mais do meu namorado e ele fazia questão que eu dependesse dos seus meios para poder sobreviver.

No dia 21 de fevereiro de 2006, terça-feira, celebrava o meu vigésimo aniversário e já vivíamos juntos. O Filipe prometeu que iria buscar as minhas irmãs e a minha mãe às 20:00 horas para jantarmos juntos em sua casa. Às 19:45 ligou-me dizendo que não poderia sair mais cedo do trabalho e que infelizmente teria de ficar mais algumas horas. Entristeceu-me mas fui obrigada a ligar à minha mãe para cancelar o jantar. É claro que ela não compreendeu o que se passava, desligou o telefone sem me congratular pelo aniversário. Senti-me responsável por deixá-la à espera durante tanto tempo e apenas avisar perto da hora. Sentei-me em frente à televisão a comer pipocas e ver um filme. Um belo vigésimo aniversário. Não me recordo de o ouvir chegar a casa, adormeci na sala e acordei de manhã também na sala com um bolo de aniversário na mesa mas sem namorado em casa que entretanto já tinha saído para trabalhar.

Nos locais onde trabalhava, tinha medo de dizer que estava grávida, sabia perfeitamente que se o fizesse, estaria a limitar o meu período de trabalho e eu precisava de trabalhar ao máximo. Com o passar do tempo, a barriga começou a notar-se. Deixei de ser chamada para fazer promoções empresariais ou eventos. Deixei de fazer desfiles e a minha presença em espetáculos foi se tornando nula. As pessoas começaram a falar sobre o assunto.

A 17 de março, fui chamada pelo gerente de uma das empresas para a qual fazia promoções. Perguntou-me se estava grávida e disse que não me queria a fazer eventos porque a gravidez não era atraente e que aquela imagem tornava-se nojenta quando associada à imagem empresarial. Já não tinha um corpo de modelo. Já não estava propriamente atraente. Tudo isso disse-me e fiquei destrozada. Precisava de trabalhar por mim e para continuar a ajudar a minha mãe.

Alguns dias depois uma outra empresa recusou os meus serviços e ao fim de uma semana já ninguém queria a minha presença em eventos. Fui liminarmente eliminada do mundo do trabalho por estar grávida. Um postulado de discriminação, para com as mulheres que engravidam, enraizado no ocidente que apregoa a liberdade, a igualdade e a democracia.

A antiguidade é profícua nos estudos da gravidez. Muito antes dos gregos e do início da civilização ocidental, a mulher era vista como um ser mágico que poderia conceber filhos sozinha, depois surgiram os filósofos e estudiosos que se apressaram a minimizar o seu papel na sociedade comparando-a aos animais e sem especial reconhecimento social. Para Aristóteles se as mulheres estivessem grávidas de um rapaz, teriam melhor aspeto e com dores agudas e penosas, mas se fosse uma rapariga, ficariam mais pálidas, com erupções na pele e edemas nas pernas. Para mim, sendo um rapaz, confesso que foi penoso. Extremamente penoso uma vez que a minha gravidez foi de risco. Não podia fazer esforços e apenas à 3ª ecografia consegui saber que aquele bebé que trazia no ventre era um menino. Eu e o Filipe ficamos felizes. Era precisamente a prole que desejávamos.

Às 28 semanas comecei a sentir dores fortes. Dores mesmo fortes que me levaram até ao hospital. Eu desconhecia mas as enfermeiras disseram-me que aquelas dores eram contrações. Fiquei assustada porque era muito cedo para o meu bebé nascer. O médico tranquilizou-me e disse que eu apenas necessitava de repouso. Uma vez que o bebé não tinha ainda tempo suficiente para se desenvolver corretamente, fiquei internada por uma semana. Durante esse período fiquei em repouso absoluto e injetaram-me soro. Tinha desenvolvido um caso sério de anemia que me estava a prejudicar e conseqüentemente a prejudicar o meu bebé.

Findo essa semana voltei para casa, e por indicação do médico fui obrigada a descanso absoluto e a comer saudavelmente até o dia do parto. Não foi fácil, confesso. Sentia-me constantemente aborrecida por estar o dia inteiro na cama e apenas me levantar para cozinhar para o namorado quando chegava a casa ao final do dia de trabalho.

A 19 de junho de 2006 saí de casa e fui até a casa da minha mãe de autocarro. Não aguentava estar constantemente deitada na cama e precisava de me sentir um pouco mais ativa. Uma vez que o Filipe estava a trabalhar senti que podia estar mais tempo por lá e

passsei o dia inteiro com a minha mãe. Senti-me mais solta e mesmo com dificuldades motoras ajudei-a a arrumar a casa e ficamos a conversar sobre trivialidades. Tinha saudades de conviver com ela e perdi a noção do tempo. Às 18:30 horas percebi que tinha de ir para casa fazer o jantar. O Filipe estava perto de sair do trabalho, como tal tinha de sair a correr para conseguir prepará-lo a tempo. Cheguei a casa às 19:45 horas, sentia-me exausta, com dores nas pernas e muita sede. Fui até à cozinha buscar um copo com sumo de laranja e dirigi-me até à sala onde descansei por alguns minutos. Pouco tempo depois o Filipe chegou, percebi pela forma como falava que estava bêbado, sentou-se ao meu lado, deu-me um beijo e disse-me que estava faminto. Perguntou-me o que tinha feito para o jantar. Disse-lhe que ainda não o tinha feito mas que já o iria preparar.

Sem que nada o fizesse prever, desatou aos gritos. Inopinadamente levantou-se do sofá, a voz parecia-lhe demasiado grave por entre os dentes, os olhos fitavam-me com uma violência perniciososa. Não sabia o que fazer nem o que lhe dizer. Limitei-me a olhá-lo com receio. “O que é que andaste a fazer o dia inteiro para o jantar não estar pronto?” disse-me irascivelmente. Pedi-lhe desculpa e respondi-lhe com a verdade. Tinha estado o dia inteiro com a minha mãe e perdido noção tempo. Subitamente levantou-se, pegou no copo e atirou-o contra a parede estilhaçando-o em mil pedaços. Apontou-me o dedo indicador, respirou fundo, virou-se e enquanto se dirigia para a porta gritou “Podes cozinhar para ti, eu desenrasco-me.”. Saiu de casa fechando a porta com estrondo. Por alguns minutos mantive-me sentada no mesmo lugar a ruminar sobre o sucedido, pasmada com aquela reação inexplicável. Tremia de nervosismo. Aqueles gritos ainda ecoavam na minha mente.

Perdi a fome. Aquela atitude do Filipe foi incompreensível. Levantei-me e fui apanhar os cacos do copo. Limpei a parede manchada pela viva cor do sumo, apaguei todas as luzes de casa e voltei a sentar-me na sala. O escuro da noite e o silêncio ofereciam um ambiente acolhedor e compreensivo, muito ao mesmo estilo do que este quarto de hospital agora oferece.

Foi por esta altura que comecei a perceber que o Filipe se estava a tornar cada vez mais controlador. Tudo o que eu fazia tinha de ter uma explicação, todas as pessoas que me ligavam tinham de ter uma boa razão para o fazer e eu teria de lhe fazer um relatório detalhado de quem havia ligado e os contornos da conversa. Quem ligou? Porque ligou? Quanto tempo durou a conversa? Porque ligou a esta hora? Enfim, todas as questões que pudessem ser colocadas. Quando a minha mãe ligava, ele fazia-me sinais não verbais para desligar a chamada rapidamente. Além de não ser recomendável sair de casa durante uma gravidez de risco, também não podia receber visitas em casa, vivia aprisionada pela minha gravidez de risco e pela possessão do meu namorado.

A 25 de junho as minhas irmãs vieram visitar-me a casa. Passaram algum tempo comigo e depois insistiram que fossemos tomar um café mesmo perto de onde vivia. Tive algumas dúvidas mas acabei por aceitar o convite. A partir desse momento já as minhas irmãs começaram a ser mal vistas pelo Filipe. Creio que ele as via como perturbadoras da paz ou uma ameaça para o seu reinado sobre mim. Sempre que falava das minhas irmãs ele revirava os olhos em sinal de desaprovação, como se ao falar delas o estivesse a aborrecer. Progressivamente foi-me afastando da minha família e dos meus amigos até um ponto onde já ninguém me ligava ou me enviava mensagens.

Assumo, ainda que possa soar estúpido, que um homem com um comportamento controlador e possessivo sempre me seduziu. Naquela fase da ingenuidade e da inocência acreditava que esse comportamento era despoletado por grandes sentimentos de amor. Acreditava que era por isso que ele queria saber de tudo o que tinha feito durante o dia, acreditava que era por isso que ele não gostava que eu falasse com outras pessoas, em especial homens. Eu sei que é fácil apontar o dedo e chamar-me de burra porque não notei os sinais antes. Eu sei que é fácil perguntar-me porque me mantive numa relação que não era nada saudável mas eu asseguro-vos que todos estes sinais não são tão notórios quando se vive os acontecimentos e os sentimentos à mistura na primeira pessoa.

Poucos dias antes de dar à luz, o Filipe saiu de casa com uns amigos. Foi uma péssima noite para estar sozinha, senti-me muito mal disposta e vomitei várias vezes. Se bem me recordo, liguei-lhe 4 vezes e em nenhuma delas ele atendeu o telemóvel. Sozinha, a passar mal e perto de trazer uma criança ao mundo, passou-me tantas coisas pela cabeça. Não sabia o que ele estava a fazer, com quem estava exatamente, se estava bem ou não e comecei a ser invadida por grandes sentimentos de ciúmes.

Chegou a casa por volta das 05 horas. Assim que ouvi a porta de casa a abrir, acendi a luz da cabeceira. Ele entrou no quarto notoriamente bêbado, encostou-se na parede e tentou olhar para mim com alguma dificuldade motora. Perguntei-lhe onde é que tinha estado ao qual a resposta dele foi “Se eu quisesse que soubesses, tinha atendido o telemóvel.”.

Aquela resposta levantou suspeitas. Levantei-me com muita dificuldade, olhei-o de frente e disse-lhe que tinha passado mal durante a noite e que me tinha sentido abandonada. Ele limitou-se a rir. Perguntei-lhe uma vez mais onde tinha estado e enquanto isso notei que tinha brilhantes na cara. Confrontei-o com esse facto e a resposta que obtive foi “Não interessa. Deita-te porque quero dormir.”.

Naturalmente que não me deitei, confrontei-o outra vez com aqueles brilhantes, naquela altura já estava um pouco fora de mim, descontrolada emocionalmente pela falta de respostas e levantei a voz. Olhou-me fixamente, caminhou com dificuldade na minha direção e deu-me uma bofetada na cara.

Eu fiquei ali, imóvel. Não quis acreditar que ele tinha de facto feito aquilo. Perguntou-me “Agora vais dormir ou queres outra?”. Fui-me deitar sem lhe responder. Foi um choque tão grande que passei o resto da noite em claro. Ele, por sua vez, já estava a dormir passados 5 minutos. Havia uma certa incongruência de posições em relação ao acontecimento. Eu não dormi e ele agiu naturalmente.



Na história da humanidade, os interesses da linhagem não raras vezes se sobrepuseram aos interesses pessoais. Este era o objetivo fundamental do matrimônio e assim sendo a condição feminina foi limitada a este propósito. Aquelas mulheres que eram incapazes de gerar filhos foram inúmeras vezes abandonadas e repudiadas pela sociedade e em especial pelos seus maridos. Não foi o meu caso em especial. Eu podia gerar filhos, podia dar linhagem a um homem e isso estava prestes a acontecer.

Às 38 semanas dei entrada nas urgências com fortes contrações. Soube de imediato que nesse dia 19 de julho iria nascer o meu filho. Por volta da meia-noite injetaram-me com a epidural, eu já não suportava as dores e tudo à minha volta estava a girar tão depressa que pareceu-me que estava prestes a desmaiar.

Foram algumas horas de espera mas às 06:35 horas nasceu o meu lindo menino. A felicidade bateu-me à porta de uma forma arrebatadora que é impossível transpô-la para palavras. O pai não assistiu ao parto, limitou-se a estar presente apenas por alguns minutos e depois foi embora, não sei bem para onde. Atravessei aquele inferno de dores horríveis sozinha.

Pouco tempo depois do parto, senti-me muito mal. Tinha perdido demasiado sangue e fiquei com a hemoglobina demasiado baixa. Como resultado, fiquei internada por mais 4 dias e quando finalmente voltei para casa tive que me sujeitar a alguns cuidados.

Antes sequer de ver o meu filho, eu já o amava. Durante todo aquele período em que fui obrigada a estar deitada, muitas das vezes abandonada em casa, aguentei emocionalmente por ele. Foi por ele que mantive alguma estabilidade mas também pelo pai que era um homem fantástico quando se tratava do nosso bebé e eu estava segura que ele seria um excelente pai.



Ao fim de dois meses estava totalmente recuperada. Já podia caminhar sozinha, já podia deslocar-me sem dificuldades, já podia cuidar do meu bebé sem qualquer limitação ou restrição.

Quem escolheu o nome para o nosso filho foi o Filipe. Tomás. Inicialmente, não gostei muito do nome mas não tinha muito espaço de manobra, o meu namorado e aquele comportamento obstinado jamais me dariam possibilidade de escolher outro nome. Hoje, todavia, entoar ou recordar o nome Tomás representa para mim um adocicar da vida. O nome Tomás é para mim sinónimo de felicidade e tem o rosto do meu filho.

Ainda não era chegada a hora de voltar a procurar trabalho, o meu tempo era precioso e deveria ser utilizado para cuidar do meu filho. Foram noites a fio sem conseguir dormir. Pelo dia, estava tão deslocada da realidade devido ao cansaço que muitas vezes me esquecia de limpar a casa. Durante a noite o Filipe não se levantava para tentar acalmar o bebé. Limitava-se a dizer: “O bebé está a chorar” e lá eu me levantava e passava a noite sentada perto do berço na esperança que o menino se acalmasse.

Nunca me habituei à amamentação. Desde a primeira até à última vez que tive de o fazer as gengivas magoavam-me os peitos e tinha de estar a passar do esquerdo para o direito com muita frequência só para não sentir muita dor nos mamilos. Por vezes utilizava uma bomba para retirar o leite materno e poder amamenta-lo posteriormente mas nem com isso me sentia confortável. Talvez tivesse mamilos muito sensíveis para ser mãe e me dedicar à amamentação. Esses tempos já se foram e não sinto saudades de o fazer.

O meu namorado ficava com um sorriso infantil quando brincava com o Tomás, juntos divertiam-se imenso e eu acreditava que aquele sentimento de assistir ao pai a brincar com o filho era o melhor do mundo. Por vezes observava-os em brincadeiras e olhares cúmplices que me transmitiam o ideal de uma família feliz.

Em 2007 inicia-se a segunda grande divisão da minha vida. Ao contrário do abandono do meu pai, esta segunda grande divisão não se assinala num dia em concreto mas sim ao longo de todo o ano. Além dos acontecimentos que me levam assinalar esta data, é a partir deste ano que a minha memória começa a falhar, não sou capaz de precisar como ou quando alguns momentos tiveram lugar, não sou capaz de esclarecer todas as dúvidas em relação à forma como o meu namorado agia para comigo e certamente sinto muita dificuldade em conseguir esclarecer a ambiguidade dos meus sentimentos.

Nunca me senti particularmente atraída pela política e certamente que nunca me havia passado pela cabeça pertencer a algum movimento político mas neste ano em particular, Portugal seria palco de um acontecimento político que teria algum impacto em mim. O referendo à despenalização do aborto realizava-se a 11 de fevereiro e cedo nesse ano comecei a prestar atenção aos argumentos dos movimentos do SIM e do NÃO.

A pergunta escolhida foi: “Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada, por opção da mulher, nas primeiras dez semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?” e à medida que a campanha avançava comecei a concordar cada vez mais com os argumentos do movimento pelo SIM. Até à data, a mulher podia ser condenada com pena de prisão até 3 anos por realizar um aborto clandestino previsto no artigo 140º do Código Penal e eu não podia discordar mais com a legislação em vigor.

Poucos dias antes do referendo tivemos uma grande discussão em casa onde o Filipe deixou bem claro que abortar era coisa de gente inconsciente e de más famílias, eu nem lhe consegui explicar os meus pontos de vista. Ele puxou-me o cabelo e atirou-me contra a parede. Nessa altura, ficou claro para mim que era impossível discordar dele e que acontecesse o que acontecesse, teria mesmo que concordar independentemente da minha opinião. Comecei a ser formatada em relação às minhas próprias ideias, em relação à vida social e mesmo em relação ao meu corpo. Fui sendo submetida a um condicionamento clássico que me impedia de ser autónoma e independente.

Ao longo dos anos seguintes toda a minha existência foi arrasada mas eu não estava minimamente preparada para vê-la dessa forma. No último trimestre de 2007 pensei em procurar trabalho mas o Filipe não concordou comigo. Acreditava que deveria ficar em casa a cuidar do nosso filho, arrumar a casa e cozinhar para ele. Ser uma boa dona de casa era a sua pretensão e como tal não procurei trabalho. Mantive-me em casa a sufocar dia após dia com as lides domésticas e quando as coisas não estavam como ele queria, bem, o inferno caía sobre mim.

Em março de 2008, experienciei algo novo. Algo que até aquele momento me parecia ridículo e inconcebível até a data.

O Filipe havia sido convidado para uma festa de inauguração de uma nova discoteca na região e convidou-me a acompanhá-lo. Já se tinham passado cerca de dois anos desde a última vez que convivía com a alta sociedade e confesso que sentia saudades disso. A minha vida tinha-se tornado demasiado solitária e as minhas relações sociais estavam reduzidas ao meu namorado, ao meu filho e ocasionalmente às visitas e conversas telefónicas das minhas irmãs e mãe. Fiquei feliz pelo convite e por voltar a lidar com estas pessoas depois de muito tempo.

Passei o dia a escolher a roupa ideal para essa noite. Nenhum vestido me parecia indicado e não sabia ainda de que forma me iria apearaltar. Estudei minuciosamente todos os pormenores da minha indumentária. Queria sentir-me bonita e reviver os tempos idos em que lidava bem socialmente. Tive medo que me julgassem um farrapo e depois de muitas horas escolhi um vestido preto com um grande decote e costas nuas, brincos compridos e brilhantes que se imiscuíam por entre os meus cabelos, colar vermelho e sapatos abertos. Comecei mesmo a sentir-me bonita e a estranhez foi se desvanecendo.

Ele chegou a casa por volta das 20 horas. Olhou-me de cima a baixo com desdém e perguntou-me se era “alguma acompanhante de luxo”, por momentos não soube o que responder mas depois disse-lhe que queria sentir-me bonita e esclareci-lhe que as pessoas iriam gostar de saber que ele namorava com uma mulher muito bonita. Ele sorriu e não mais questionou a minha roupa. Por momentos tinha conseguido dominar os seus instintos controladores e ciumentos. Apenas por alguns momentos. Deixamos o Tomás em casa da minha mãe e partimos para o local.

Durante a festa, que mais se assemelhava a um convívio de gente rica e famosa, vimo-nos introduzidos no seio de uma conversa de grupo onde estava uma jovem muito atraente com cerca de 18 ou 19 anos, cabelos lisos e negros como a noite, olhos castanhos grandes e arregalados. Consegui perceber que ela era nova naqueles meandros, tímida, com um ligeiro sorriso na cara e de poucas palavras. Os homens falavam-lhe durante largos minutos e ela respondia sempre com uma simpatia aparentemente natural. Cobiçavam-na e estava escrito na testa de todos eles que tinham segundas intenções. Recordou-me do velho eu, tímida e tosca sem saber o que fazer com tantos olhares indiscretos. Conseguiu denotar traços naquela mulher que outrora me pertenceram, senti um despertar de sentimentos e sensações estranhas, não sabia explicar se era nostalgia pelas memórias do passado ou repulsa pela percepção que fiquei das intenções dos que a rodeavam.

Revi algumas pessoas que não via desde a última festa que tinha participado e algum tempo depois notei que o Filipe conversava com essa rapariga. Inicialmente pareceu-me uma conversa inocente mas depois foram os toques com as mãos. Sorriso tosco e a mão direita na região lombar com conversas cúmplices ao ouvido que me começaram a incomodar.

Dirigi-me até ao balcão quando um velho conhecido dos concursos se aproximou. Ele disse-me que estava bonita e que apesar da gravidez não tinha perdido a beleza e a silhueta. Passamos o resto da noite a conversar. Não havia nada de estranho naquela conversa, não

sentia nenhum desejo por aquele homem, era apenas um conhecido, alguém que conhecia e proprietário de uma grande simpatia.

Sáímos da festa e fomos até casa da minha mãe buscar o Tomás. Toda a viagem foi feita em silêncio. Chegamos a casa e ele foi deitar o nosso filho no seu quarto enquanto eu me despia. Ao regressar ao quarto disse-me: “A tua noite foi ímpar. Estavas entretida com aquele tipo no balcão. A minha conversa é demasiado monótona para ti ou simplesmente não consegues acompanhar?”. Respondi-lhe: “Eu não. Mas tu estavas bem agarrado à miúda, só faltava a trazeres para casa.” Ele desatou a rir-se dizendo: “Aquele miúda? Bastava eu lhe pedir que ela abria-me as pernas sem esforço.”. Senti raiva, um descontrolo escandaloso por ouvir aquilo, levantei a mão e antes de lhe tocar recuei, de imediato ele agarrou-me no pescoço, encostou-me à parede e deu-me uma bofetada. “Atreve-te!”, disse-me. O Tomás começou a chorar, ele olhou-me profundamente, disse que tinha sido eu a responsável por acordá-lo e foi tentar acalmá-lo. Eu deitei-me com uma tristeza imensa e passados 30 minutos ele regressou, fechou a porta do quarto, apagou as luzes e deitou-se a meu lado.

Houve um período em que me ria quando ouvia falar de violação no seio de um casal, parecia-me surreal e inimaginável até acontecer comigo.

Agarrou-me por trás e pediu-me desculpas ao ouvido. Eu desatei a chorar e ele insistiu com as desculpas. Agarrou-me com força e perguntou-me se o amava. Não conseguia responder, sentia-me ferida, ofendida mas ele insistia. Tentei soltar-me dos seus braços mas ele continuou a puxar-me a agarrar-me com muita força. Eu pedi-lhe para me soltar mas em vão. Começou a tirar-me o pijama mas eu não tinha vontade de ter relações sexuais. Pedi-lhe para que parasse mas também não valia a pena. Tentei lutar e não encontrava forma de o afastar, tirou-me as calças, afastou-me as pernas, colocou uma almofada na minha cara para que eu não pudesse gritar e fez o que quis. Senti dores horríveis, chorei cada vez mais em silêncio. Parecia que nunca mais acabava e eu chorava e soluçava porque não queria ter relações sexuais e as suas atitudes momentos antes não me saíam da cabeça. Penso mesmo que lhe ocorreu que eu estava a ter algum prazer. Aquele momento parecia nunca mais ter fim e independentemente do que fizesse ou dissesse, ele continuava. Tive de deixá-lo fazer o que quisesse e esperar que aquilo acabasse.

Quando ele acabou, virou-se para o lado como se nada se tivesse passado e adormeceu. Eu levantei-me pouco depois, fui tomar duche e deitei-me na sala. Nos dias que se seguiram tive dificuldade em olhá-lo de frente, creio mesmo que nunca mais o vi da mesma forma. Até aquele dia posso afirmar que o amava incondicionalmente mas a partir daquele momento os meus sentimentos dividiram-se num entrecruzar de emoções.

Esta foi a primeira de muitas violações de que fui alvo durante este relacionamento tóxico. Mesmo que não fosse da minha vontade, tinha de sucumbir à sua vontade e hoje sou incapaz de definir com precisão a quantidade de vezes que fui violada pelo meu namorado.

O meu sorriso foi se desvanecendo, a idade da inocência já não residia em mim e os abusos ainda estavam em fase embrionária.

Diria que os episódios de violência foram se tornando habituais e não consigo descrever todas as vezes em que ele me puxou o cabelo ou me bofeteou mas sou capaz de descrever com detalhes alguns dos piores momentos.

Certa ocasião, ele saiu mais cedo do trabalho e quando chegou a casa eu estava no café com as minhas irmãs. Ligou-me e perguntou: “Onde é que tu andas, sua cabra?”. Disse-lhe que estava com as minhas irmãs e que já ia para casa. Tive de engendrar um plano para que as minhas irmãs não desconfiassem que tinha de ir por causa do Filipe. Tinha vergonha de demonstrar que era controlada pelo namorado mesmo em relação às convivências familiares. Quando cheguei, ele estava entronizado na sala com um cinto enrolado nas mãos. Senti-me a tremer desmedidamente. Pediu-me para adormecer o Tomás que iríamos ter uma conversa.

Suspirei e fiz o que me pediu, depois aproximei-me lentamente da sala. Não tinha estudado o que iria dizer e não sabia o que esperar daquele homem. Devia estar a 2 metros dele quando repentinamente soltou aquele cinto à ilharga e perguntou-me uma primeira vez: “Com quem estavas?”. O meu corpo sentiu dificuldades em conter os tremores e timidamente respondi que estava com as minhas irmãs. Aplicou-me um golpe na face com a fivela, eu gritei e ele aplicou outro na nuca dizendo para me calar porque ia acordar o menino.

Não consegui conter os gritos. Deu-me um murro no estômago que me derrubou. Cai no chão e fiquei em posição fetal sem conseguir respirar, agarrou-me pelos cabelos e arrastou-me até à dispensa. Fechou a porta, deu-me vários pontapés na nuca, na cara, nas costas, conseguia sentir o sabor metalizado do sangue na boca. Referir este cenário, ainda hoje, anos depois, me traz à memória o sabor do sangue. Chamou-me de “puta”, e de “cabra” e continuou a dar-me pontapés até se cansar. Eu protegia a cabeça o máximo que podia mas era inevitável fazê-lo imaculadamente. Pedi-lhe continuamente para parar. Quando por fim terminaram as agressões, ele disse: “Ficas esta noite aqui para ver se ganhas juízo.” e saiu.

Continuei deitada no chão por largos minutos, sem forças para me erguer e com medo de retirar os braços da cabeça. O meu corpo estava involuntariamente a tremer e depois entrei em convulsões. Tentei levantar-me para abrir a porta e me deitar na cama mas estava trancada, às escuras. Chamei por ele: “Amor deixa-me sair, por favor.”. Não obtive resposta, continuei: “Amor desculpa”, “Amor deixa-me sair”. Disse de tudo para lhe chamar à atenção e tudo o que eu disse foi inconsequente. Acabei por desistir e encostei-me no chão às escuras com o sangue a escorrer pela boca como se me estivesse a babar. Decidi então deitar-me mas não foi tarefa fácil, sentia muitas dores e os movimentos do corpo reacendiam as chamas das dores.

Quando se está às escuras durante muito tempo, os olhos habitam-se à ausência de luz e começamos a ver algumas silhuetas e sombras. Continuava a sentir o sabor do sangue, levei o dedo indicador da mão direita à boca e senti uma ferida na parte interior da bochecha. Olhei para o dedo e consegui perceber que tinha sangue. Esfreguei a mão na parede e denotei uma diferença de tonalidades onde passava o dedo. Percebi que era o meu próprio

sangue que estava a fazer a diferença. Decidi então desenhar uma cara sorridente na parede. Não sei esclarecer porquê uma cara sorridente mas presumo que tenha sido uma forma inconsciente de enganar o meu estado emocional, nem que fosse temporariamente.

Esta seria a primeira de muitas vezes em que desenharia aquelas carinhas sorridentes na dispensa de casa onde passei incontáveis noites depois de violentos ataques contra a minha integridade física.

Por volta das 06 horas ele deixou-me sair. Abriu a porta, assustada levantei-me de imediato e encostei-me a uma das esquinas, ele olhou-me, pediu-me desculpa e abraçou-me com força. Choramos juntos nessa manhã. Apenas conseguia dizer-me “desculpa”, “desculpa”. Aquele era o homem que conhecia, caloroso e amoroso. Acreditei nele e desculpei.

Aquelas longas noites em que ficava trancada na dispensa eram uma forma recorrente que ele encontrava para me “educar”, para me “ensinar” a ser mulher de família e eu comecei a acreditar que aquela é uma forma de vida perfeitamente natural. Não sei precisar a quantidade de vezes que ele dizia que eu precisava de ser educada e a ser mulher de família mas garanto que foram muitas.

Nos dias que se seguiram, evitei sair de casa fosse para o que fosse, tinha o lábio inferior inchado e não queria que ninguém notasse ou fizesse perguntas indiscretas. Mais importante que isso, creio que tinha medo de ter de me justificar.

Durante algum tempo, as coisas assentaram e as nossas vidas pareciam ter encontrado um ambiente de paz e amor. Um rumo que se sobressaltaria perto do final do ano.

Recebi uma chamada de um dos responsáveis pela moda regional a convidar-me para realizar um desfile para uma multinacional de pronto a vestir no ano seguinte. Fiquei feliz. Significava que não se tinham esquecido de mim e que eu ainda era alguém importante naqueles meandros. Desesperava para voltar a ter uma vida ativa em breve e aquela chamada fez-me reconstruir pontes mentais em relação ao meu futuro. Podia voltar a ganhar dinheiro com o meu trabalho e contribuir para o futuro do nosso filho, certamente voltaria a sentir-me ativa e independente.

Como vivíamos uma vida conjunta, não nos sentíamos meros namorados mas sim marido e mulher ainda que nunca tivéssemos casado, logo discutíamos com naturalidade os aspetos das nossas vidas. À noite falei com o Filipe sobre aquela chamada e de como seria bom para nós os dois. Não tardei muito a perceber que tinha sido uma péssima ideia. Acusou-me de querer andar a “passear” e seduzir outros homens. “É claro que não, amor. Nunca me passaria isso pela cabeça.” disse-lhe. A conversa tomou outras proporções e ele desatou aos insultos. Mais uma vez era a “puta” lá de casa. A “cabra” sem vergonha que queria estragar o futuro do meu filho. Aqueles epítetos ainda hoje estão registados na minha memória como uma definição minha do mundo que me rodeou.

Porém nesse dia enfrentei-o e disse-lhe que se ele continuasse a chamar-me aqueles nomes que iria sair de casa e levava o Tomás comigo. Arrependi-me de o ter dito instantaneamente. Num ápice deu-me um pontapé no tornozelo esquerdo que me fez cair ao chão. Colocou-se em cima de mim e ferozmente desferiu-me murro após murro na face. Tentei proteger-me o máximo que podia mas foi impossível fazê-lo eficazmente. Puxou-me pelos cabelos e atirou a minha cabeça contra o chão várias vezes, senti-me um boneco de trapo. Levantou-se e eu fiquei ali deitada no chão de olhos fechados e à mercê do que quisesse fazer. Ouvei-o acender um cigarro e afastar-se. Por momentos pensei que tudo tinha sido tão rápido e suspirei de alívio por ter terminado.

Do nada ouvi-o dizer: “Queres ser uma modelo e andar a mostrar o corpo? Já te mostro como é.” voltou a sentar-se em cima de mim, puxou-me a blusa para cima e apagou o cigarro na minha barriga. Soltei um grito mas ele deu-me um murro que silenciou a voz agoniada. Tentei escapar mas sem sucesso como nas dezenas de vezes em que não o consegui fazer. Afastou-se e demorou algum tempo, aproveitei aquela brecha e tentei levantar-me mas erguer-se depois de um ataque com aquela violência era como apanhar milhares de cacos de um copo partido, foi muito difícil e vagaroso. Estava atordoada daqueles golpes, zozza da violência com que a minha cabeça tinha embatido no chão. Gatinhei vagarosamente até à casa de banho onde me tranquei. Ele voltou alguns minutos depois e exigiu que abrisse a porta. Comecei a gritar exasperadamente para que se fosse embora mas de nada me serviram os gritos. Desatou aos pontapés na porta, Foi naquele

momento que consegui ouvir o choro do meu filho. “Olha o pequeno, por favor.”, “Não faça isso. O menino está acordado.”. Comecei a ficar seriamente preocupada com o Tomás, antes que lhe fizesse algum mal, abri a porta e senti que um comboio me atropelava enquanto ele entrava naquela divisão de casa. Desferiu-me imensos murros, as dores confundiam-se umas com as outras e a cada novo murro eu pedia a Deus que fosse o último. Pedia-lhe para morrer porque assim não era possível sentir mais dores. Pedi tantas vezes que aquele fosse o último mas Deus quis que não fosse. Sobrevivi a essa noite depois de ficar inconsciente, foi um dos piores ataques que sofri.

Não sai de casa durante 3 meses e durante o mesmo período não falei ao telefone com ninguém, não queria nem podia. Ele não deixava e eu tinha algumas dificuldades em mover-me e mesmo em falar. Não voltei a exercer a minha profissão. O sonho de criança terminou daquela forma abrupta.

Como se tivesse sido vítima de um acidente, ele pediu férias urgentes no trabalho e durante um mês cuidou de mim. Tratava das minhas feridas com um sentido lato de responsabilidade mas nunca teve a hombridade de dizer que se sentia responsável. “A culpa é tua”, dizia-me frequentemente, “se fosses uma boa namorada, isto não acontecia.”

Este era o meu calvário. A minha estranha forma de vida humana. Tornei-me num farrapo, um pedaço de carne que deambulava pelos cantos da terra e comecei a descuidar-me em todos os aspetos da vida. Os ingredientes para a minha autodestruição estavam preparados. Às agressões que sofria, procurava ignorar fechando os olhos da alma e fingindo que a minha miséria era fruto de um pesadelo.

Primeiro foi a memória a evaporar-se pouco a pouco. Por vezes esquecia-me de panelas ao lume, o que desencadeava mais uma cena de pancadaria. Outras vezes esquecia-me de limpar a casa, ou até mesmo da roupa na máquina de lavar e fazia parecer uma situação normal disfarçando casualmente o erro que havia cometido. Eu não sabia explicar o que estava a acontecer mas o esquecimento, a distração e a apatia começaram a tomar conta do meu cotidiano. A minha cognição era cada vez mais vulnerável e vivê-la na primeira pessoa não era nada estranho. Pelo contrário, era perfeitamente normal.

Depois foi a incontrolável vontade de comer coisas doces. Quanto mais comia bolos e chocolates, mais queria comer. Mais caramelos, mais sumos gaseificados, mais bolos, um vício inexplicável. A lei dos excessos. O desejo que irrompia das profundezas do meu ser e cujo saciar não lhe podia ser negada. Inicialmente fazia-os em casa, umas vezes broas de coco, outras vezes eram broas de mel, mas muitas das vezes fazia bolos. Os de chocolate eram os meus favoritos mas também fazia de cenoura ou de natas, desde que fossem doces eu ficava feliz. Posteriormente comecei a comprar no supermercado todo o tipo de doces que possam imaginar. Desenvolvi um vício em receitas de pastelaria e todas aquelas em que deitava as mãos passaram a fazer parte de um novo objetivo a alcançar. Passava os dias a lê-las e a tentar pô-las em prática. O meu filho adorava aqueles bolinhos e eu fui mergulhando cada vez mais num sono profundo. Um sono que dava pelo nome de depressão.

Com o passar do tempo fui engordando cada vez mais, esquecia gradualmente os detalhes de uma vida passada que já me parecia ter sido vivida há centenas de anos. Já não usava maquilhagem e os vestidos de outrora não me serviam, ainda que servissem ele não me permitia usá-los a não ser para estar em casa, quiçá na cozinha. Quando se adormece um sono tão profundo como o meu a realidade entre dias ou semanas parece longínqua, os detalhes do dia-a-dia são esquecidos com facilidade e o cérebro perde a sua plasticidade. Com isto fui perdendo memória e capacidade de aprendizagem. Estava refém do meu namorado e da minha incapacidade de me afastar dessa relação nociva.

Aqueles comportamentos desmedidos tornaram-se no meu suporte emocional diário e enquanto pudesse continuar a usufruir deles nem tudo parecia tão mal. A vida escapava-me entre os dedos, deixei de sonhar com um futuro risonho, deixei de ser a pessoa que era, preocupada com a imagem e a beleza, não havia jovialidade para mim.

Dante Alighieri, na sua obra, A Divina Comédia, imaginou e descreveu o inferno com nove círculos de sofrimento para onde os pecadores seriam enviados de acordo com os seus crimes. O canto VI da mesma obra representa o terceiro círculo de sofrimento para onde seriam enviados e mantidos os gulosos. Neste cenário, Dante descreve ainda que estas almas eram guardadas por Cérbero, o cão de três cabeças de Hades, e que este era uma

fera cruel, diversa, que caninamente ladrava sobre as gentes que ali estavam submersas e que despedaçava e esfolava os espíritos.

É neste paralelismo que me baseio, eu vivia nesse cenário, estava naquele terceiro círculo e encontrava-me em pleno “*lago de lama*” onde me sentia solitária sem qualquer relação com vizinhos, amigos ou familiares no meu covil pernicioso. O meu Cérbero privado assumia a forma do meu amante, o meu namorado, o meu marido, o homem que me deveria amar mas que na realidade me estava a matar, a despedaçar-me com os seus próprios braços, esfolando o resto do espírito que ainda em mim residia.

A minha autoestima era quase nula. Já não sabia quem eu própria era, não conhecia os meus valores nem tinha qualquer ambição. Naquela altura, eu não reconhecia em mim quaisquer virtudes mas reconhecia todos os defeitos que tinha e se não os tivesse, inventava-os. O meu namorado era especialista em humilhação. Sentia-me feia, sentia-me burra e acreditem que em muitas alturas cheguei mesmo a sentir-me inútil. Eu ouvia todos os seus comentários e todas as suas críticas que ressoavam-me na mente durante horas, dias e semanas depois de serem ditas.

Em agosto de 2009 fomos passar duas semanas de férias ao Porto. Até hoje não sei porque é que fomos passar férias, não precisávamos de manter aparências, toda gente sabia que não eramos felizes, nem eu, nem ele. Se tivesse voz na matéria, teria escolhido ficar em casa. Tinha pavor de sair de casa com ele. O mínimo gesto errado seria sempre motivo para uma nova discussão na qual certamente acabaria por ser insultada ou levar porrada. Nunca fui capaz de olhar para outro homem. Com ele as consequências da infidelidade seriam devastadoras e poderiam custar-me a vida.

Recebia frequentemente chamadas de amigas que me queriam visitar e conhecer o meu filho. Foram poucas as pessoas que permiti visitarem-me mas também foram poucos os momentos em que o Filipe se mostrava disposto a recebê-los. Pelo menos durante aquele período fui submetida apenas a violência psicológica, não me batia porque não estávamos na sua zona de conforto, ainda assim ameaçava-me frequentemente se olhasse para algum homem ou se cometesse o descuido de receber muitas visitas.

Aquelas poucas pessoas com quem me encontrei e com quem não convivía há anos, notaram logo que algo de errado se passava. Alguns diziam-me que estava mais gorda e negligente com a minha própria imagem. Todas as nossas conversas perante o meu namorado eram constrangedoras, nem eu nem as minhas amigas se sentiam à vontade para manter uma conversa amistosa. Uma dessas amigas chegou inclusivamente a ligar-me, depois de ter estado comigo, a perguntar se eu estava bem porque parecia uma mulher com medo. É difícil não deixar transparecer o medo quando se vive imersa nele. É difícil contrariar um homem daquela índole mas essa viagem serviu para, pela primeira vez, me encher de coragem.

Quando findaram aquelas férias e regressamos a casa tivemos mais uma grave discussão. Não me recordo porque é que discutimos e honestamente a razão não deveria ser assim tão importante. Por vezes eram mesmo assuntos tão menores que nem eu própria sabia o que estava a acontecer. Estava à beira do abismo, sem qualquer vontade de viver mas havia algo que me prendia a esta vida, o meu filho. Foi por ele que eu sobrevivi, foi por ele que eu mantive esperança num dia melhor.

No dia em que decidi fugir, a 5 de setembro de 2009, fui torturada durante horas a fio. Soube que já não podia aguentar mais. Quando por fim ele se cansou e adormeceu, eram já 02:00 horas, agarrei no meu filho e sai de casa. Apenas tinha tido tempo para vestir bem o meu bebé, agarrar nos meus documentos e telemóvel e fugir para longe daquele inferno. Não tinha carro nem dinheiro comigo. Com um pijama a cobrir-me o corpo, um menino de 3 anos a dormir no meu colo e uma carteira com documentos e telemóvel, fiz-me à estrada sem destino certo nem planificação do depois.

Eu não sabia ainda para onde ia. A minha mãe não fazia ideia que eu era vítima de maus tratos e não sabia como lhe explicar o que acontecia comigo. Fui caminhando pela madrugada, deambulando passo a passo com as forças que me restavam. Uma decisão difícil mas que eventualmente teria de a tomar. Ele iria acabar por matar-me e eu não podia permitir que isso acontecesse.

Pelo caminho o meu filho acordou, perguntou-me onde estávamos e disse que queria voltar para casa. Sentei-me no chão, abracei-o e desatei a chorar silenciosamente. Não sei

quanto tempo ali fiquei sentada sem que ninguém me visse. O desespero atribui-nos uma certa ausência de valor e eu acreditava que o meu sofrimento era tão invisível quanto a importância que alguém poderia dar à minha situação. Para mim, naquela altura, ninguém queria saber de mim ou do meu filho, ninguém queria saber de onde vinha e porque caminhava com uma criança pela madrugada. A resignação sobre a solidão regressava e voltei a ganhar coragem para continuar a minha jornada apenas dizendo ao meu filho que íamos para casa, para a nossa verdadeira casa.

Caminhei durante mais de uma hora e cheguei à casa da minha mãe exausta. Quando a minha mãe abriu a porta, assustou-se ao ver-me naquele estado lastimável. Pijama vestido, criança ao colo, olho esquerdo negro, quase que sem forças e lágrimas que me escorriam pela cara. Pedi-lhe para voltar para casa e naturalmente ela aceitou-me de volta.

As minhas irmãs acordaram e ajudaram-me a colocar o Tomás a dormir, eu tremia desmesuradamente, tinha dificuldades em falar, as palavras simplesmente não saiam. Placidamente tentaram perceber com detalhes o que tinha acontecido apesar das evidências. Eu gaguejei, não conseguia exprimir palavras, falar foi impossível, caí no chão a chorar e a tremer, não tinha forças nem conseguia aguentar mais as dores e o choque. Quando por fim, consegui acalmar-me, a minha verdadeira família tentou fazer-me ver que tinha de o denunciar à polícia. As minhas irmãs, apesar de serem gémeas tinham personalidades completamente antagónicas. A Ana era perdulária e conservadora mas a Dalila era muito mais perspicaz e impulsiva e insistiu várias vezes que eu deveria ir à polícia nessa mesma noite mas eu não queria, implorei para que não me obrigasse a fazê-lo, estava segura que se o fizesse, ele acabaria por matar-me. Infelizmente não tinha nenhum plano mas tentar desaparecer, naquele momento, pareceu-me ser a opção mais plausível. Não tardou muito para que a Ana me fizesse ver que essa seria uma péssima ideia, afinal de contas, o que é que eu iria fazer? Esconder-me o resto da vida? Esconder o meu filho e tirá-lo da escola? Era com certeza um mau plano, absolutamente inconsequente.

Eram já 07:00 horas de sábado quando por fim decidi ir à polícia com a Dalila enquanto a Ana e a minha mãe ficavam em casa para o caso do Filipe despertar e procurar-me lá. De início não fui capaz de o denunciar, a minha irmã teve de o fazer por mim. Nos casos de violência doméstica, maus-tratos, abuso sexual, roubo ou homicídio, qualquer pessoa pode fazer a denúncia às autoridades no sentido de se iniciarem os processos na justiça. Estes são os chamados crimes-públicos e que não carecem de queixa por parte das vítimas. Eu não sabia disso, julgava que seria preciso uma denúncia da minha parte para que o processo pudesse tomar corpo.

Só alguém que foi ou é vítima de violência doméstica sabe o quão difícil é apresentar uma queixa contra o perpetrador principalmente quando ainda o amamos. Há sempre um momento de fraqueza onde nos deparamos também com tudo o que aquele monstro que nos bate, viola e ridiculariza, tem de bom. Se não tivesse sido a tenacidade da Dalila possivelmente nunca teria tido coragem de me dirigir à polícia e certamente teria recuado no momento da decisão.

Nessa mesma manhã a polícia foi receber o depoimento do Filipe e poucas horas depois ele ligou-me com novas ameaças à minha integridade psicológica e física, tive de desligar o telemóvel para não ouvir aqueles desaforos. Durante os dias que se seguiram ele vigiava a casa da minha mãe, tentava abordar as minhas irmãs para falarem comigo, dormia no carro em frente de casa, ligava-me insistentemente e mandava-me mensagens com pedidos de desculpa escabrosos. A uma dada altura, enviou-me um ramo de flores com um pequeno postal onde referia que me amava e que não conseguia viver sem mim. Não fui

capaz de conter as lágrimas, no fundo e apesar de tudo, reconhecia que o amava, era impossível apagar da memória os bons momentos que passamos juntos.

Eu tinha o direito de viver num ambiente livre de violência e estava a habituar-me a viver na casa da minha mãe mas o meu filho não, aquela não era a casa dele e eu percebia que não iria ser fácil afastar-se do seu lar. Perguntava-me constantemente pelo pai, era quase impossível viver naquela casa sem que algo me levasse mentalmente até ele. Dava por mim a pensar nos bons momentos que passamos juntos. Todas aquelas memórias faziam-me acreditar que não era capaz de viver sem ele, sentia-me apática e deslocada. Todo o meu mundo havia sido moldado, nos últimos anos, por aquele homem. Após 5 dias acabei por ceder àquele apelo emocional e voltei a mudar-me para casa dele. Hoje, seria feliz se pudesse voltar no tempo e esbofetear-me a mim própria pela tola que fui em ceder daquela forma mas na época fui incapaz de saber lidar com todas aquelas emoções.

Tinha-me afastado da minha família e dos meus amigos durante muito tempo e durante esse período ninguém soube das atrocidades de que fui vítima. Depois deste episódio, todos aconselhavam-me a deixá-lo mas eu não fui forte o suficiente, tinha-me tornado numa pessoa frágil. Na verdade não queria fazer parte das estatísticas de um relacionamento falhado mas também não queria fazer parte das estatísticas da mulher que morre devido a uma relação abusiva, da mulher que perdeu a vida apenas porque daquela última vez; aquele último murro, teria sido demais para um corpo suportar.

A violência doméstica apresenta-se como um sistema circular no qual se apresentam, geralmente, 3 fases: O aumento da tensão onde se propiciam algumas das tensões acumuladas diariamente e no qual o agressor envolve a vítima em injúrias e ameaças que vão crescendo dando a noção de ameaça eminente. Segue-se o ataque violento no qual a vítima é abusada física e psicologicamente com uma tendência de grande escalada e intensidade. Por fim surge a fase da lua-de-mel no qual o agressor manifesta vontade de se autocorriger envolvendo a vítima de carinho e atenção redobrada, desculpando-se pelos seus atos e fazendo juras de nunca mais voltar a promover os seus atos violentos. Chegada a fase da lua-de-mel a tendência é de se reiniciar o ciclo. Estava longe de imaginar mas esta foi também a minha realidade.

Tinha voltado para casa mas aquele episódio permitiu-me a ter uma maior relação com a minha família e com a sociedade. Durante anos tinha-me fechado a sete chaves no meu próprio secretismo em relação à minha vida privada mas tudo havia se desmoronado depois daquele momento. Ele próprio sabia que se tinha extravasado um limiar em relação à sua própria bolha de violência e opressão sobre mim, já muita gente tinha conhecimento do seu comportamento e da parte dele havia um cuidado extra na nossa relação. A minha família já tinha conhecimento do que se passava naquela peculiar esfera pessoal e estou segura que isso ajudou a alongar a fase de lua-de-mel. Ele deu-me maior liberdade no contacto com as minhas irmãs, oferecia-me flores, e por vezes até ajudava na preparação do almoço ou jantar. Julguei mesmo que aquele monstro com quem tinha lidado durante anos se havia esfumado como fumo branco na chaminé da Capela Sistina mas isso não acontece tão brandamente, ainda hoje não conheço nenhum caso em que alguém que foi agressor durante tanto tempo o tenha deixado de ser repentinamente. Não conheço hoje mas na altura estava longe de ser especialista nestes casos. As situação em casa sofreram mudanças sendo que este extenso período de lua-de-mel foi uma forma de me tentar demonstrar que tudo o que estava para trás era passado e a partir daquele momento, ele e a nossa relação seriam diferentes.

Durante esse período, ele demonstrava acreditava que a nossa relação se iria fortalecer. Uma nova oportunidade de vida para ambos. Um falso amor que me fazia acreditar que seria uma razão maior que a própria vida para nos mantermos unidos. Falou-me em casamento em breve, no ideal de uma família feliz e vigorosa e eu acreditei. Pensava que por fim o meu amor o estaria a mudar e deixei-me levar pela imagem ilusória de um homem violento que encontrava redenção nos braços de uma mulher que o amou.

No entanto fiquei mais próxima das minhas irmãs e da minha mãe que me apresentaram a novas pessoas. No decorrer destas novas vivências aproximei-me de pessoas ligadas ao feminismo, mais concretamente à União de Mulheres, Alternativa e Resposta – UMAR. Uma organização não-governamental representada no Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres (CIDM) desde 1977 e que está empenhada em fazer despertar a consciência feminista em toda a sociedade portuguesa.

Fui crescendo em relação à minha autonomia e compreendendo que a violência surte efeito quando a vítima desiste de lutar, quando a vítima se resigna e sucumbe perante a vergonha e a ilusão do amor que sente pelo perpetrador.

Mais importante ainda foi a forma como alimentei o meu intelecto e os meus conhecimentos. A emancipação da mulher surge quando esta valoriza tanto o seu intelecto e conhecimento quanto a sua própria imagem. Decidi então frequentar formações isoladas que mantive em segredo. Substitui os livros de culinária pelos livros culturais e de interesse feminista e o resultado foi a quebra das amarras emocionais que me prendiam àquele homem. Apenas uma equação foi sendo colocada em questão frequentemente; Queria fugir daquela vida mas até para isso precisava de um espaço físico, um trabalho e dinheiro para sustentar o meu filho e esse paradigma precisava de ser resolvido em breve. A cada novo conhecimento proveniente das minhas relações com aquelas mulheres guerreiras, proveniente das formações e dos livros que lia, ia-me distanciando daquele homem, daquele único homem que havia existido na minha vida, ia soltando as amarras da minha condição.

As agressões ressurgiram progressivamente muito devido à minha evolução. Aquela minha tentativa de emancipação incomodava-o imenso e tinha a sensação de que isso se tornava numa ameaça para ele. Na sua mesquinha e triste opinião, o feminismo era coisa de “um bando de mulheres sexualmente frustradas que pretendem ser superiores ao homem.” Novos insultos surgiam evoluindo depois para pequenas bofetadas e puxões de cabelo e quando percebi já estava novamente envolta em teias de agressão violentíssimas.

Em novembro desse mesmo ano descobri o verdadeiro sentido da palavra ilusão. Tinha saído com a minha mãe e acabamos por encontrar os meus tios que nos convidaram para ir à sua casa. Imaginei que ao me atrasar poderia ter problemas no meu próprio lar mas perdi noção do tempo e acabei por chegar mais tarde que o previsto, um descuido que poderia ter sido fatal.

Deixei o Tomás com a minha mãe, sabendo à partida que o ambiente em casa seria perigoso. Quando regresssei ele estava na cozinha a preparar jantar. Trombudo, com a sobrelha direita mais elevada que a esquerda, lábios cerrados e movimentos lentos que denunciavam irritação profunda. Era notória a sua tentativa de conter a raiva. Tentei dar-lhe um beijo que foi recusado com um rude “desaparece” à mistura. Perguntei-lhe o que se passava mas ele desatou a disparatar dizendo que eu nunca seria uma boa esposa e que já estava farto de mim. Nem me atrevi a responder mais, seria inconsequente se o tivesse feito. Fui para o quarto onde me sentei por alguns minutos de mãos na cara e cabeça baixa a ouvir aqueles desaforos. Talvez devesse ter respondido mas não o fiz porque pensei que se calaria em breve.

Após algum tempo entrou no quarto com uma faca na mão direita e agarrou-me no pescoço com a mão esquerda apertando-o com a toda força que encontrou naquele momento. Pensei que se preparava para me matar. Senti o calor da agitação e nervosismo a se manifestar na minha cara. Não conseguia respirar e tive dificuldade em manter os olhos abertos. Tentei entoar palavras para que parasse porque me estava a sufocar mas elas também não saíram.

Com a mesma força, içou-me até estar de pé mesmo à sua frente e disse-me “Passo o dia inteiro a trabalhar e quando chego a casa nem tenho jantar feito”. Tentei responder mas não consegui, apenas o olhava de olhos arregalados e tentava puxar-lhe pelo braço sem sucesso.

Encostou-me contra a parede e disse “andaste a te divertir sua puta”, de seguida jogou a faca para o chão e desferiu-me um murro com a mão direita, senti qualquer coisa a estalar dentro de mim como se o próprio cérebro se tivesse desprendido e andasse à deriva. “Estiveste o dia inteiro a passear e nem jantar fizeste”, outro murro no meu maxilar, jogou-me para o chão dizendo: “o paizinho fugiu e deixou-te sem saberes respeitar um lar, eu ensino-te, sua cabra”.

O argumento do meu pai ter-me abandonado em criança era frequente. Uma forma que arranjava para me magoar emocionalmente e explicar as razões por ser uma mulher tão desobediente segundo os seus próprios parâmetros.

Seguiram-se violentos pontapés na nuca. Tentei protegê-la o melhor possível mas novos pontapés eram lançados contra as minhas costas e cóccix. Contorcia-me em todas as direções tentando escapar aos golpes mas quando se sofre um ataque com a natureza brutal daquele que sofri, escapar é muitas vezes uma questão de sorte. Não é possível detalhar o momento em que se acredita estar à beira da morte, o momento em que a enfrentamos de frente e sentimos que apenas um milagre nos pode salvar. É um momento de agonia e desespero impossível de transmitir em palavras.

Tentei segurar-me à vida o máximo de tempo possível na esperança de que pelo menos daquela vez, a morte chegasse rapidamente mas não chegou, ao invés disso, chegou uma sensação estranha em que já não me sentia parte daquele corpo que ia sendo espancado sem misericórdia.

A mente desligou-se do corpo e a memória fugiu no tempo com aquela noite aflitiva. Entrei num coma profundo durante duas semanas das quais não me lembro de um único sonho. Todo aquele tempo não se assemelhou a uma longa noite de sono, não tenho memória de ouvir vozes ou sentir a presença de terceiros junto ao meu corpo, não tenho histórias surreais para contar sobre esse interregno, não contactei com espíritos nem revivi a infância. Para mim, adormeci a apanhar porrada e acordei no hospital com a minha mãe ao meu lado e a única coisa que me pareceu ser surreal foram os últimos momentos e a violência de que fui alvo. Dessa noite resultaram duas costelas partidas, um traumatismo craniano e a vontade de transmitir a minha história para o mundo dos direitos das mulheres.



Quando despertei do coma fiquei com a sensação de que tudo tinha acontecido há muito tempo apesar das memórias frescas do último ataque. Refleti sobre o que é ser mulher no seio de um relacionamento sem liberdade ou dignidade. Refleti muito sobre a minha história. Como é possível que uma mulher se deixe submeter a tal ponto? Abdicar dos seus sonhos e da sua própria vida em prol dos caprichos de outra pessoa, só porque acredita que o amor é assim. A verdade é que a mulher acredita porque inconscientemente foi programada pela própria sociedade para pensar assim. Exemplo dessa programação social são os contos infantis.

A Cinderela ensina-nos que ao sofrermos durante algum tempo eventualmente a vida nos irá recompensar. Tira-nos um pai e dá-nos um príncipe fazendo-nos acreditar que será ele o responsável por nos tirar da nossa miséria. Na Bela e o Monstro somos apresentadas a uma espécie de síndrome de Estocolmo. A bela, mesmo depois de ser controlada e a viver sob as regras e imposições do monstro, sem poder ver a família, acaba por se render à sua paixão e rebelião. Na banda desenhada A Pequena Sereia, aprendemos que para sermos felizes teremos de optar por nos afastarmos das nossas raízes ainda que isso implique viver longe de todos aqueles que gostamos.

A minha história também começou como um conto de fadas mas os contos de fadas nunca mostram o verdadeiro final. O lendário manifesto utópico “felizes para sempre” é uma forma da sociedade nos demonstrar que devemos acreditar que por fim chegará a felicidade independentemente do sofrimento a que nos devemos sujeitar. Curioso é o facto de em nenhum desses contos se explicar o que acontece depois de a princesa abdicar de tudo e se deixar sucumbir aos desejos do príncipe.

Foi aqui, neste hospital, que recebi a notícia de que o Filipe foi preso e aguarda julgamento por tentativa de homicídio qualificado e é desde aqui que pretendo adquirir a minha redenção enquanto mulher que permitiu-se chegar até ao fim do caminho por via do relato da minha verdade na primeira pessoa, a qual desejo que represente o meu legado para todas as mulheres que acreditam nos contos de fadas.

Estou impedida de receber a visita do meu filho até que a minha vida esteja livre de perigo e nesse sentido, com apenas uma caneta e um bloco de notas, por via de palavras relato e integro a minha história que por sua vez acredito que faz parte de uma história muito maior que transcende a minha vida e toca a milhares de vidas espalhadas no mundo. Estou em crer que esta é a também a verdade de milhões de mulheres ao longo da história da humanidade.

O feminismo não é a crença e o desejo de que um género deva ser superior em relação a outro, não é a crença de que as mulheres devam liderar o mundo mas sim a crença e o trabalho incansável de que mulheres, homens e transgénero devem ter um papel igual na sociedade, livres de discriminação por serem quem são. O feminismo luta por causas como o direito à contraceção e ao aborto, luta em favor da paridade absoluta nos órgãos de decisão política, luta contra a discriminação social entre géneros e contra a violência doméstica.

Neste último caso, o da verdade que me diminuiu socialmente e roubou os meus direitos a uma vida condigna, reconheço que devia ter procurado ajuda ou posto um ponto

final à relação ao primeiro sinal de agressividade. Hoje, longe do ambiente pesado daquele lar demoníaco, sinto-me capaz de afirmar que há muito que deveria ter tomado as rédeas da minha própria vida mas quando se acredita em amor e do outro lado está alguém que procura várias formas para nos dominar, tudo é mais difícil. Tendemos a ocultar os factos e a acreditar que de alguma forma, aquele seu estranho jeito de amar, vai mudar. A vergonha e o medo confundem-nos em relação ao futuro, impedem-nos de tomar decisões no sentido de mudança das nossas vidas.

Partilho esta minha experiência, que poderia ter sido fatídica, com todas as mulheres vítimas de sexismo e violência doméstica e todos os homens que acreditam que a subjugação é a solução. Para elas, digo: Bradar aos céus solicitando clemência não é suficiente. Um homem violento tende a ser sempre violento e a tendência é o do agravamento dos ataques à vossa integridade. Em certos momentos, aquela agressividade poderá parecer estar a desaparecer mas não acontecerá. Para eles; reconheçam que do outro lado está um humano com sonhos e com direitos. O amor não deve, em algum momento, ser um ensino espartano à base de pancada e insultos, se a vossa esposa ou namorada ainda está convosco é porque vos ama, retribuam-lhes o amor.

Durante anos dancei uma valsa perigosa, uma roleta russa a cada vez que premia o gatilho da provocação pelo simples facto de coexistir na vida daquele homem mas agora é tempo de viver a minha emancipação. Quero que o meu exemplo sirva de exemplo para outras mulheres e que a partir daqui jamais se volte a duvidar das nossas capacidades, dos nossos direitos e opiniões, do sangue que nos corre nas veias bombeado pela vontade intangível de se insurgir contra os maus tratos, contra as injustiças e desafios. Que a partir daqui, os corações das mulheres, que combatem os escárnios e as indolências e que aceleram tanto quando são reconhecidas na sociedade, seja inquestionável, indomável e temerário. Que a partir daqui, se eliminem os apertos nos corações de todas as mulheres vítimas de maus tratos e discriminação e que em conjunto, acreditemos que igualdade é possível. Não tenham medo de sonhar mais alto do que os limites que podem observar.

Teria permitido que o que me aconteceu levasse tudo de mim e poderia ter sucumbido à condição de vítima mas ainda restavam forças para sobreviver, hoje teria desejado a total libertação. Recebi a última chamada em direção ao meu despertar e vou segurar-me a ela sem a deixar fugir. Deixei a minha vida nas mãos de um homem que me isolou do mundo circundante e fez de mim o seu troféu mas eu não sou Penélope. Não quero voltar a ser Penélope e representar o ideal de mulher submissa que aguarda nas lides de casa o seu esposo. Quero, a partir de hoje, ser os meus sonhos e os meus desejos, as minha memórias e as minhas escolhas. Além de tudo isso, serei a minha liberdade enquanto ser único e autónomo. Essa será a minha condição.